

ANADIR DOS REIS MIRANDA

**O PAPEL DE MARY WOLLSTONECRAFT NO ILUMINISMO**

CURITIBA  
2005

ANADIR DOS REIS MIRANDA

## **O PAPEL DE MARY WOLLSTONECRAFT NO ILUMINISMO**

Monografia apresentada ao Curso de História,  
Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes,  
Universidade Federal do Paraná, como requisito  
parcial à obtenção de Bacharel em História.

Orientador(a): Prof(a). Dr(a) Ana Paula Vosne  
Martins.

CURITIBA  
2005

## RESUMO

Este trabalho trata da análise da obra *Vindication of the Rights of Woman* (1792) da escritora inglesa Mary Wollstonecraft. Tal pensadora desempenhou um importante papel no Iluminismo, pois além de ter sido uma participante ativa, formulou um discurso bastante peculiar sobre o feminino, tanto em relação aos filósofos quanto às filósofas ilustradas. Aqueles, em sua maioria, concebiam um lugar diferenciado para as mulheres, apesar de colocarem no centro de seu discurso a noção de sujeito universal e o princípio de igualdade. Em *Vindication*, Wollstonecraft questionou essa posição, evidenciando muitos de seus paradoxos. Também criticou os estereótipos femininos vigentes naquele contexto, reivindicando um novo lugar às mulheres.

Procurando recuperar o debate em torno do qual sua obra foi produzida, analisou-se o pensamento iluminista e seus discursos sobre o feminino, particularmente, os formulados por Jean Jacques Rousseau e Denis de Diderot, considerados importantes porta-vozes do assunto. Nosso principal objetivo, entretanto, foi compreender a visão que Wollstonecraft tinha sobre o feminino, particularmente os direitos que reivindicou ao seu sexo.

Analizamos também sua participação nos círculos radicais e dissidentes ingleses, espaços onde ela teve oportunidade de entrar em contato com saberes negados comumente às mulheres daquele contexto. Podemos afirmar que as idéias que circulavam em tais meios foram essenciais para sua formação política e intelectual.

Nos debruçamos ainda, sob o estudo de alguns aspectos relacionados à trajetória pessoal de Wollstonecraft, ligados às dificuldades que ela enfrentou por ser um indivíduo do sexo feminino naquele contexto.

Com tal tipo de abordagem, procuramos explicar como uma trajetória individual singular tornou possível o despertar de uma consciência crítica em relação a um modelo social e cultural de “ser mulher”, ratificado e legitimado por um sistema de valores e costumes arraigados naquele contexto.

Ao meu esposo Ubiratã, pelo amor e incentivo.

À professora Ana Paula pela orientação e extrema dedicação.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>2 ILUMINISMO.....</b>	<b>5</b>
2.1 DISCURSOS ILUMINISTAS SOBRE O FEMININO.....	9
2.2 PARTICIPAÇÃO FEMININA NO MOVIMENTO DAS LUZES.....	17
<b>3 TRAJETÓRIA DE UMA ESCRITORA DO SÉCULO XVIII.....</b>	<b>21</b>
<b>4 REIVINDICAÇÃO PELOS DIREITOS FEMININOS.....</b>	<b>37</b>
4.1 AS MULHERES NÃO SE ENCONTRAM EM SEU “ESTADO NATURAL”.....	40
4.2 POR QUE REIVINDICAR UM NOVO LUGAR PARA O FEMININO?.....	47
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>50</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>53</b>

# 1 INTRODUÇÃO:

Cabe esperar, en este siglo de las  
luces, que el *derecho divino* de los maridos,  
como el derecho divino de los reyes, puede  
e debe contestarse sin peligro.  
(*Vindication*, Mary Wollstonecraft)

Ao longo do século XVIII o feminino foi exaustivamente comentado, debatido, questionado. As personagens femininas abundaram na literatura, a mulher se encontrava no centro de uma série de textos em que filósofos, médicos e escritores se interrogaram sobre sua natureza, sua educação e seu papel na sociedade. Os pontos de vista apresentados eram múltiplos, divergentes, ambíguos. Delineavam o feminino como perigoso, perturbador, incompreensível, submisso, às vezes como igual. Como explicar este fenômeno?

Desde o século XVI, profundas alterações econômicas, políticas, culturais e religiosas modificaram de modo evidente o estatuto das mulheres e, conseqüentemente, redesenharam os contornos de suas relações com os homens. Essas transformações, tensas e conflituosas, avivaram o debate em torno do feminino e das relações entre os sexos.<sup>1</sup>

O contexto potencialmente libertário da crítica iluminista à velha ordem e, posteriormente, as promessas de mudanças sociais radicais trazidas pela Revolução Francesa; contribuíram para avivar ainda mais esse debate. Tanto o pensamento ilustrado quanto a insurreição francesa, ao trazer para a ordem do dia a discussão da liberdade e igualdade para todos, tornou possível um questionamento sem precedentes das relações desiguais entre o masculino e o feminino. Podemos afirmar, dessa forma, que tal contexto se mostrou bastante propício para a discussão dos direitos femininos. E ela realmente vai acontecer, tanto nos meios filosóficos, quanto nas assembléias revolucionárias.

Tanto os iluministas quanto os revolucionários franceses apresentaram posições múltiplas e contraditórias em relação às mulheres. A maioria dos filósofos das Luzes, por exemplo, concebiam a existência de uma natureza feminina separada e inferior, apesar de criticarem as distinções e hierarquias tradicionais. Os revolucionários, mesmo se definindo como ardentes defensores da igualdade de direitos, acabaram recusando-os às mulheres.

---

<sup>1</sup> FARGE, Arlete e DAVIS, Natalie Zemon. "Introdução" In: DUBY, G. e PERROT, M. *História das Mulheres no Ocidente. Do Renascimento ao Século das Luzes*. Vol. 3. Porto: Afrontamento, 1994. p. 11-12

Estes paradoxos podem ser exemplificados no *Rapport sur L'Instruction Publique* apresentado e discutido na Assembléia Constituinte no ano de 1791. A França acabava de se dotar de um regime que visava à felicidade de todos. Mesmo a das mulheres? Segundo as idéias de Charles Maurice de Talleyrand, político ativo durante a Revolução Francesa que apresentou o *Rapport*; sobretudo a das mulheres, com a condição que elas não aspirassem ao exercício dos direitos e das funções políticas. Essa era a ordem da natureza, argumentava Talleyrand, assim como os outros homens da Revolução.<sup>2</sup>

Não devemos pensar que essas visões, apesar de dominantes, eram as únicas nestes contextos. Tanto no movimento ilustrado como na Revolução Francesa, muitos defenderam relações mais igualitárias entre os sexos. Entre aqueles podemos citar o iluminista e revolucionário francês Condorcet, a defensora dos direitos femininos na Revolução Olympe de Gouges e a reconhecida escritora inglesa Mary Wollstonecraft.

É precisamente a Talleyrand, em resposta ao *Rapport* de Setembro de 1791, que Wollstonecraft dedica sua famosa obra *Vindication of the Rights of Woman*, publicada em 1792. Ela faz eco ao *Déclaration des droits de la femme et de la citoyenne* redigido em 1791 por Olympe de Gouges, e da brochura de Condorcet *Sur l'admission des femmes au droit de cite*, datada de julho de 1790.

Estes textos desenvolvem três argumentações diferentes em favor dos direitos das mulheres. Estas defesas convergem na sua comum invocação dos princípios da liberdade e da igualdade, e na sua reprovação das instituições que ridicularizaram os mesmos. Mas dão voz a preocupações no fundo bem distintas, apesar de concordarem que é também a relação entre os sexos que a Revolução Francesa deve revolucionar. Todos os três estão de acordo acerca da urgência de uma formulação explícita dos direitos femininos. Estão, nesse sentido, em sintonia com o conjunto do discurso revolucionário. Pois não passa tudo na Revolução, pela idéia que há direitos a conquistar?

Mas esses direitos não têm exatamente o mesmo sentido para os três autores. Onde Condorcet vê uma exigência da razão política e a correção de uma assimetria prejudicial à geometria constitucional, Olympe de Gouges vê o objeto de uma mobilização histórica das mulheres, ao passo

---

<sup>2</sup> SLEDZIEWSKI, Elisabeth G. "Revolução Francesa: A viragem" In: DUBY, G. e PERROT, M. *História das Mulheres no Ocidente. Século XIX*. Vol. 4. Porto: Afrontamento, 1994. p. 48.

que, para Wollstonecraft, a reivindicação dos direitos é para o sexo oprimido o ensejo de uma verdadeira mutação.<sup>3</sup>

Compreender que direitos Wollstonecraft reivindicou às mulheres e qual a sua concepção sobre o feminino é o principal objetivo dessa pesquisa. Tal autora desempenhou um importante papel no Iluminismo (contexto de idéias em torno do qual produziu suas obras), pois além de ter sido uma participante ativa, formulou um discurso bastante singular e inovador sobre as mulheres, tanto em relação aos filósofos quanto às filósofas ilustradas. Em *Vindication*, Wollstonecraft criticou os discursos iluministas que discutiram o assunto, evidenciando muitos de seus paradoxos. Também questionou a situação feminina naquele contexto e reivindicou um novo lugar ao seu sexo.

Procurando recuperar o debate em torno do qual sua obra foi produzida, analisamos ao longo do primeiro capítulo, o movimento e o pensamento iluminista, também seus discursos sobre o feminino, particularmente os formulados por Jean Jacques Rousseau e Denis de Diderot, considerados importantes autoridades no assunto. Nesse sentido, além da bibliografia secundária, referente ao Iluminismo e suas concepções sobre as mulheres, nos debruçamos também sobre o estudo do livro *Emílio*, de Rousseau e do texto *Sobre as mulheres*, de Diderot. O primeiro, principalmente, é referência obrigatória para quem quer analisar a figura feminina dentro do pensamento ilustrado, pois é considerado o exemplo mais significativo e completo da visão predominante entre os *filósofos* sobre as mulheres.

Nesse momento da pesquisa foram discutidas questões como natureza e razão femininas, educação e papel das mulheres. Procurando problematizar tais concepções, delineamos em linhas gerais como se deu a participação feminina no movimento ilustrado. Nesse sentido, abordamos seu importante papel nos salões, o aumento das publicações femininas e o teor das últimas. Também não pudemos deixar de discutir a questão da escrita feminina no período, pensando em situar melhor as obras de Wollstonecraft e compreender sua experiência enquanto escritora.

Para entender o debate sobre os direitos das mulheres no contexto revolucionário, lemos vários testemunhos, discursos e escritos de ativistas e pensadores daquele contexto, recuperados pela historiadora Elisabeth Badinter no livro *Palavra de homens (1790- 1793)*.

Para compreendermos o pensamento de Wollstonecraft, particularmente suas idéias peculiares em relação às mulheres, investigamos sua participação nos círculos radicais e dissidentes

---

<sup>3</sup> Para uma análise mais detalhada dos pontos de vista desses três autores, ver SLEDZIEWSKI, Elisabeth G. “Revolução Francesa: A viragem”. In: DUBY, G e PERROT, M. *História das mulheres no Ocidente: O século XIX*. Vol. 4. Porto: Edições Afrontamento, 1996.



ingleses, pois foram nesses espaços que ela entrou em contato com saberes comumente negados às mulheres daquele contexto. As idéias que circulavam em tais meios, particularmente o ideário ilustrado, foram essenciais para sua formação política e intelectual.

Também buscamos entender alguns aspectos relacionados à sua trajetória pessoal, ligados às dificuldades que enfrentou por ser um indivíduo do sexo feminino naquele período, imprescindíveis para se alcançar um entendimento completo do pensamento da autora. Ao longo dessa discussão, procuramos explicar como Wollstonecraft encarou e enfrentou as dificuldades colocadas pela situação feminina no contexto, como se inseriu nos debates iluministas e como se tornou uma escritora famosa e reconhecida, formulando um discurso bastante crítico sobre o feminino.

Além das fontes já citadas, também estudamos o livro *Os direitos do homem*, de Thomas Paine. Tal obra traz as principais idéias do radicalismo inglês, nos possibilitando entender esse importante núcleo de idéias que também influenciou nossa autora.

Ao longo do terceiro capítulo, nos debruçamos sobre a análise de nossa fonte principal, *Vindication of the Rights of Woman*. Sabendo que em tal livro Wollstonecraft delineia suas posições mais instigantes acerca da situação das mulheres no século XVIII, buscamos, através de uma leitura crítica, amparada por estudiosa do tema<sup>4</sup>, expor de forma analítica os principais aspectos do pensamento de tal autora, particularmente os direitos que reivindicou ao seu sexo.

Entre os aspectos que abordamos nesse momento da pesquisa, podemos destacar a concepção de Wollstonecraft acerca da formação da identidade feminina, suas críticas aos discursos iluministas, particularmente os formulados por Rousseau. Nesse bojo, também foram abordadas suas posições a respeito do ideal de matrimônio, de natureza, educação e razão femininas. Nosso intuito foi delinear um quadro geral do pensamento da autora, e refletir sobre suas contribuições para as transformações nas relações de gênero.

---

<sup>4</sup> Refiro-me à análise de BURDIEL, presente na “Introdução” de WOLLSTONECRAFT, Mary. *Vindicación de los Derechos de la Mujer*. Madri: Cátedra, 2000.

## 2 ILUMINISMO

O Antigo Regime foi um período marcado pelas tradições, pela intolerância e pelos privilégios de nascimento. A partir do século XVIII inicia-se um processo de crítica às bases dessa sociedade. Este se caracterizou pela defesa da autonomia da razão frente aos argumentos da tradição e das autoridades eclesiásticas e políticas. Ou seja, estamos nos referindo ao movimento cultural das Luzes, que ao longo dos Setecentos se difundiu por grande parte da Europa, operando uma transformação profunda no campo das idéias e das artes.

Não podemos afirmar, entretanto, que esse movimento tenha surgido abruptamente no século XVIII. Na realidade o Iluminismo é apenas o herdeiro e o ponto culminante de um processo que começa despertar, a rigor, desde o Renascimento, mas que toma fôlego realmente com a Revolução Científica do século XVII.<sup>5</sup> Pensadores como Francis Bacon, René Descartes e John Locke lançam os marcos iniciais e fundamentais para a emancipação do saber da tutela da escolástica, investindo contra a tradição, os preconceitos e a inércia espiritual. O primeiro, considerado um dos criadores do método experimental nas ciências naturais, afirmava que o método científico devia ser independente tanto da autoridade da tradição quanto da teologia. Quanto aos últimos, se identificam em relação a importância que atribuem à razão.<sup>6</sup> O racionalismo de Descartes define a mesma como uma “luz natural” (a metáfora é de Descartes), de que toda criatura dispõe, a instância última sobre a qual deverá ser edificado qualquer sistema de conhecimento.<sup>7</sup> Locke, em sua obra *Ensaio sobre o entendimento humano*, defende que todas as nossas idéias provêm da experiência. Não considera, entretanto, o homem um ser passivo, mas sim como capaz de fazer uso de seu próprio entendimento ao apreender o mundo a sua volta. Conforme CASSIRER, ele põe em evidência duas fontes diferentes da vida mental, a par da sensação, mantém a reflexão como forma autônoma e irreduzível.<sup>8</sup> É importante frisar que não temos a pretensão de esgotar, mediante estas fórmulas gerais, o riquíssimo conteúdo destas intrincadas doutrinas, mas sim insistir no fato de que sem elas torna-se impensável o movimento de idéias que eclodirá no século seguinte.

---

<sup>5</sup> FALCON, Francisco J. C. *Iluminismo*. São Paulo: Editora Ática, 1994. p.23.

<sup>6</sup> Na realidade as teorias de Descartes e Locke são consideradas antagônicas, pois o Empirismo de Locke, ao afirmar que nossas idéias provem das impressões sensoriais, se opõe ao Racionalismo de Descartes, que chega a defender o inatismo de certas idéias. O maior desejo dos filósofos das Luzes era fundir essas duas correntes, aproveitando de cada uma delas os melhores elementos. Segundo FALCON, ambos exerceram grande influência sobre os pensadores iluministas. (FALCON, op. cit., p. 41).

<sup>7</sup> FORTES, Luiz R. S. *O Iluminismo e os reis filósofos*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 24.

<sup>8</sup> CASSIRER, Ernst. *Filosofia do Iluminismo*. Campinas, Ed. Da Unicamp, 1994. p. 37.

Nossa descrição permaneceria incompleta se não mencionássemos um outro acontecimento cultural do período, talvez o maior de todos pelas suas conseqüências transformadoras. Trata-se da afirmação do modelo físico-matemático, aquele que o grande avanço das ciências naturais, de Galileu a Newton, havia fixado como verdade indiscutível. Tal paradigma, ao demonstrar a racionalidade do universo, torna-o inteligível à razão humana.<sup>9</sup>

O que importa assinalar, de qualquer forma, é que ao longo do século XVII vemos surgir uma nova atitude do homem frente ao universo. Deixa este de ser visto como manifestação de uma transcendência no limite do absolutamente incompreensível e se converte em um campo de exploração a ser submetido livremente à capacidade de comparar, pesar e avaliar de que os indivíduos começam a se tornar cada vez mais conscientes.<sup>10</sup>

Não podemos deixar de frisar que concomitantemente a essas transformações no campo das idéias, como causa e conseqüência, percebe-se o mesmo movimento no social. A independência da sociedade civil, fortalecida pelo desenvolvimento da atividade comercial, exigia novos comportamentos. Passa-se a questionar, nesse sentido, a organização do Antigo Regime, baseada no poder absoluto dos reis e nos privilégios da nobreza. Critica-se também a Igreja, importante pilar de sustentação da “velha ordem”, para a qual fornece o aparato ideológico justificativo de sua preservação. Esse processo de “desmoronamento” do espírito teológico e dos dogmas da tradição cristã exigia que se erigissem novos valores, que permitissem pensar e organizar a nova sociedade nascente. Contrapõe-se, dessa forma, o pensamento racional ao eclesiástico, iniciando-se assim o longo processo de afirmação da razão autônoma que se realizaria plenamente no século seguinte.

O século XVIII é comumente chamado de Século das Luzes. Para compreender o sentido da expressão, é necessário saber que durante esse século, segundo se acreditava na época, a razão teria alcançado um tal estágio de desenvolvimento que tornava possível reduzir ou mesmo eliminar toda a ignorância humana. Era comum entre os iluministas a consciência de que não se tratava de um simples acontecimento, tampouco de um movimento intelectual, espécie de modismo da época, mas, sim, de um processo que estava apenas começando, o processo de esclarecimento da humanidade.

O progresso humano, alcançado através do uso razão, era a máxima iluminista. Não há dúvida que estamos nos referindo a um movimento otimista, crente na racionalidade humana. Tal

---

<sup>9</sup> CASSIRER, op. cit., p. 30.

<sup>10</sup> FALCON, op. cit., p. 22.

crença estava presente em todos os pensadores iluministas, apesar dos mesmos apresentarem concepções distintas.<sup>11</sup>

Percebemos, dessa forma, que a definição de tal movimento tem de ser feita da forma mais ampla possível, pois não se tratou de um movimento homogêneo. Segundo FORTES, *não estamos nos referindo a doutrina sistemática suscetível de ser exposta como um todo uno e coerente*<sup>12</sup>. Ao contrário, não apenas nos encontramos diante de uma multiplicidade de pontos de vista doutrinários heterogêneos, como uma das características principais do “espírito” do Iluminismo consiste justamente na sua aversão aos grandes sistemas filosóficos acabados, que vicejaram no fértil solo do século anterior.<sup>13</sup>

Não se tratou, também, de um movimento nacional, ainda que seu centro de irradiação tenha sido a França. Porém, se desenvolveu na Inglaterra, na Alemanha, na Itália, entre outros.<sup>14</sup> Tampouco pode ser definido como um movimento de classe, pois várias classes participaram, como a alta nobreza, a pequena nobreza e a burguesia. Já os camponeses ficaram à margem deste, pois se tratou de um movimento aberto somente aos homens esclarecidos, ou seja, com acesso à cultura letrada.<sup>15</sup>

Uma das características fundamentais da filosofia das Luzes é o duplo papel que atribuíu à razão. Diferente dos filósofos do século precedente que a encaravam como a região em que habitam as “verdades eternas”, ela passa a ser vista enquanto uma aquisição. Conforme CASSIRER:

A razão definiu-se muito menos como uma posseção do que como uma forma de aquisição. Ela não é o erário, a tesouraria do espírito, onde a verdade é depositada como moeda sonante, mas o poder original e primitivo que nos leva a descobrir, a estabelecer e a consolidar a verdade.<sup>16</sup>

Nesse sentido, caberia à razão, em primeiro lugar, desligar o espírito de todos os fatos simples, de todas as crenças baseadas no testemunho da revelação, da tradição e da autoridade. Ou seja, questionar e criticar os falsos saberes que se apresentam como verdadeiros, mas que de fato

---

<sup>11</sup> FORTES, op. cit., p. 14

<sup>12</sup> Ibid., p. 14.

<sup>13</sup> Porém, não se pode falar, de acordo com Cassirer, que houve uma ruptura entre os dois séculos. O novo ideal de saber desenvolve-se em continuidade perfeita a partir de pressuposições que tinham sido fixadas pela lógica e pela teoria do conhecimento do século XVII. A diferença que existe entre essas duas formas de pensar não representa uma radical mutação, apenas exprime uma espécie de acento, cada vez mais deslocado, do geral para o particular, dos princípios para os fenômenos. A autoconfiança na razão, entretanto, não é em nenhum momento abalada. (CASSIRER, 1994, p. 45).

<sup>14</sup> FORTES, op. cit., p. 48.

<sup>15</sup> FALCON, op. cit., p. 28- 29.

<sup>16</sup> CASSIRER, op. cit., p. 32.

não passam de opiniões, de verdades “pré fabricadas”, estabelecidas para servir a interesses velados. Após esse trabalho dissolvente, impõe-se um novo edifício, a construção de uma verdadeira totalidade. É mediante esse duplo processo que a idéia de razão se concretiza plenamente, não como a idéia de um ser mas como de um fazer.<sup>17</sup> Nesse sentido, podemos afirmar que a razão iluminista é concebida como uma energia, uma força intelectual, só compreensível e perceptível pelo que é capaz de fazer e produzir.

Também era muita cara aos pensadores ilustrados a noção de liberdade. Liberdade, em primeiro lugar, frente às tradições, no sentido do homem se conceber como livre no exercício de sua razão, como senhor de suas opiniões e como fonte de sua própria verdade.<sup>18</sup> Dessa forma os iluministas substituíam a fé pela razão para explicar as “coisas do mundo”, reivindicando liberdade de poder avaliar tudo que está a sua volta de uma forma racional<sup>19</sup>. Acreditavam que para ser efetivamente livre a razão não poderia se submeter a nenhuma autoridade que a transcendesse ou a nenhuma regra que lhe fosse extrínseca, ou seja, ela seria para si mesma, sua própria regra. Mas é também a regra para o universo em geral, ou seja, se reivindicam um estatuto soberano para a razão é porque postulam simultaneamente a racionalidade última do universo. Sendo este inteiramente racional, regido por leis ao mesmo tempo racionais, naturais e universais, como demonstrado no século anterior, para os iluministas era absolutamente legítimo esperar que a razão pudesse também governar as instituições sociais. Segundo FALCON, essa era, portanto, a grande tarefa do Iluminismo: *“fazer o balanço e divulgação dos enormes progressos já alcançados pela razão teórica e prática (as ciências e as técnicas) e empreender a investigação das leis que dizem respeito diretamente ao homem- individual e social”*.<sup>20</sup> O acúmulo e a multiplicação dos conhecimentos permitiria ao homem cada vez mais dominar e domesticar a Natureza, racionalizando e melhorando indefinidamente suas condições de vida. Podemos dizer, dessa forma, que os pensadores iluministas eram bastante otimistas em relação a perfectibilidade do mundo, alcançada através da ação humana.

---

<sup>17</sup> CASSIRER, op. cit., p. 33.

<sup>18</sup> FORTES, op. cit., p. 16.

<sup>19</sup> Conforme FORTES, para a tradição religiosa e teológica uma tal pretensão seria a rigor descabida. A resposta aos enigmas que circundavam o homem, encontravam-se necessariamente na própria palavra divina revelada, ou seja, nas Sagradas Escrituras. À razão nunca caberia dar a última palavra, pois seria simples servidora da fé, de um conjunto de preceitos dogmáticos diante dos quais deveria cessar toda curiosidade intelectual. O âmbito de atuação da razão humana seria, nestas condições, necessariamente restrito e secundário. (FORTES, 1985, p. 16).

<sup>20</sup> FALCON, op. cit., p. 39.

Observamos assim, que o pensamento ilustrado coloca o homem no centro de sua visão de mundo, do mecanismo em torno do qual organiza sua reflexão.<sup>21</sup> Ou seja, o movimento das “Luzes” se ampara no pressuposto do avanço constante, historicamente necessário, de uma racionalidade que pouco a pouco “ilumina” as sombras do erro e da ignorância. A razão iluminista apresentaria-se aos seus adeptos como um instrumental crítico que se dirige a cada indivíduo naquilo que possui de mais íntimo e essencial, sua consciência racional de ser humano.<sup>22</sup> Princípio universal, a razão é também conquista intrinsecamente individual. É ao homem esclarecido que cabe fazer triunfar a racionalidade, numa espécie de encontro consigo mesmo e com a natureza em geral. Para este homem esclarecido nada poderá estar fora ou acima de sua própria razão, sua única e legítima fonte de autoridade, pois qualquer autoridade que se situe fora dessa consciência individual, racional por definição, é necessariamente “irracional” e ilegítima.<sup>23</sup>

Ainda é importante frisar que tal ideário, se não toda a filosofia iluminista, se pautava na premissa da imutabilidade da razão, ou seja, na idéia de que a mesma seria una e idêntica para todo indivíduo pensante.<sup>24</sup> Dessa forma, podemos afirmar que o discurso das Luzes se mantém na dimensão do universal, no sentido de acreditar que todos os indivíduos podem se esclarecer, se emancipar dos preconceitos e das tradições. Nos é forçoso reconhecer, no entanto, que esse universal é habitado por uma contradição interna. Supõe-se que ele é válido para todos, mas, de fato, representa privilégios de alguns. Ao analisarmos os discursos iluministas sobre o feminino percebemos o quanto tal premissa se mostra paradoxal. Mesmo declarando guerra aos preconceitos e aos inimigos da razão, os filósofos ilustrados não pensavam libertar-se deles no que dizia respeito às mulheres. Apesar de colocarem no centro do seu discurso a noção de universal e o princípio de igualdade, defendiam a idéia de uma “natureza feminina” separada e inferior.

## 1.2 DISCURSOS ILUMINISTAS SOBRE O FEMININO

Conforme GODINEAU, durante o Século das Luzes a figura feminina se encontra no centro de uma série de textos em que filósofos, médicos e escritores se interrogam sobre sua fisiologia, a

---

<sup>21</sup> VOVILLE, Michel. *O homem do Iluminismo*. Lisboa: Editorial Presença, 1997. p. 07.

<sup>22</sup> FALCON, op. cit., p. 37.

<sup>23</sup> Ibid., p. 42.

<sup>24</sup> CASSIRER, op. cit., p. 23.

sua mente, a sua educação, o seu papel na sociedade.<sup>25</sup> É nesse período que se afirma a idéia de uma natureza feminina específica, obra dos filósofos e médicos que se perguntam o que é a mulher e o que a distingue do homem..<sup>26</sup> Ao empreender tal tarefa falam em nome do gênero humano e consideram-se observadores neutros, mas é na qualidade de homens que escrevem, é o seu sexo que serve de referência, de medida para analisar o outro. Segundo CRAMPE- CASNABET,

Os discursos masculinos que têm a mulher como objecto utilizam, mais das vezes, a primeira pessoa do plural: nós. Nós representa o conjunto de homens que se propõe instituir uma teoria sobre a outra metade. Ao nós da comunidade masculina opõe-se a delas: as das mulheres.<sup>27</sup>

Entre os filósofos ilustrados era unânime a idéia de que as mulheres constituíam metade do gênero humano. Tal expressão não deve, entretanto, ser entendida num sentido quantitativo, mas sim num sentido funcional: a mulher coopera na reprodução da espécie, é a esposa e mãe; ela possui um estatuto na família e na sociedade. Uma vez aceita esta premissa, no entanto, as posições divergem.

Uma corrente é representada pelos herdeiros do filósofo seiscentista Poullain de La Barre. Este, em vez de afirmar, como sucedera até aquele momento, que um dos gêneros é superior ao outro, introduziu a noção de igualdade em torno do debate das relações entre os sexos. La Barre sustenta que a razão, que distingue o pertencimento à espécie humana, é apanágio quer dos homens quer das mulheres. Para ele esta humanidade comum tem precedência sobre as diferenças provenientes da cultura, da educação e da natureza, por isso as mulheres deveriam usufruir dos mesmos direitos e da mesma educação que os homens e exercer as mesmas funções, profissionais, intelectuais e políticas. Muito embora tenham tido pouca ressonância, os seus tratados foram reeditados durante o século XVIII. Alguns filósofos como Condorcet e Helvétius, retomam as suas idéias, todavia não representam o pensamento dominante entre os iluministas.<sup>28</sup>

---

<sup>25</sup> GODINEAU, Dominique. “A mulher” In: VOVELLE, Michel. *O homem do Iluminismo*. Lisboa: Editorial Presença, 1997. p. 313.

<sup>25</sup> GODINEAU, op cit., p. 314.

<sup>25</sup> CRAMPE- CASNABET, Michèle. “A mulher no pensamento filosófico do século XVIII”. In: DUBY, G. e PERROT, M. *História das mulheres no Ocidente. Do Renascimento ao Século das Luzes*. Vol. 3 Porto: Afrontamento, 1994. p. 331.

<sup>26</sup> Desde a Idade Média, os discursos masculinos debatiam-se entre o aristotelismo que reduzia o feminino a uma incompletude, uma cópia inacabada do macho e o galenismo que o definia como o inverso do homem, no sentido de encarar o corpo feminino como uma introversão do corpo masculino. (BERRIOT- SALVADORE, Évely. “O discurso da medicina e da ciência. In: DUBY, G. e PERROT, M. *História das mulheres no Ocidente. Do Renascimento ao Século das Luzes*. Vol. 3 Porto:Afrontamento, 1994. p. 409).

<sup>27</sup> CRAMPE- CANABET, op. cit., p. 374.

<sup>28</sup> GODINEAU, op. cit., p. 313.

A atitude oposta, largamente majoritária, conta com importantes porta-vozes, dentre eles os filósofos Jean Jacques Rousseau e Denis Diderot. O primeiro dedica a última parte de seu livro *Emile ou de l'Education* (1775) a *Sophie ou la femme*; o segundo produz sobre as mulheres escritos numerosos e variados, entre eles o texto “*Sobre as mulheres*”<sup>29</sup>, que será analisado, juntamente com a quinta parte do *Emile*, ao longo desse capítulo.

Para estes autores, as mulheres são efetivamente, metade do gênero humano, mas uma metade fundamentalmente diferente. Tudo começa por uma verificação, os homens e as mulheres são fisicamente diferentes. Foi a Natureza quem determinou esta diferença e ela nada faz ao acaso (credo finalista). Existem, sem dúvida, aspectos respeitantes “à espécie”, escreve Rousseau, visto que as diferenças se referem “ao sexo”.<sup>30</sup> O problema é que, conforme tal autor, tudo nas mulheres deriva do sexo. “*O macho só é macho em certos momentos, a fêmea é fêmea durante a vida toda (...)* tudo a leva sem cessar ao seu sexo”.<sup>31</sup>

Esta opinião não se deve à misoginia rousseauiana, visto que Diderot pensa exatamente o mesmo. Para ele a mulher é comandada por seu útero. Ele diz: “*A mulher traz dentro de si um órgão susceptível de terríveis espasmos, que dispõe dela...*”<sup>32</sup> e acrescenta que a vida da mulher é marcada pelas suas funções sexuais: menstruação, gravidez, menopausa. Para tal autor a existência da mulher seria legitimada pela sua função materna. O útero é, assim, o seu órgão principal, a partir do qual seria definida em sua globalidade. Dominada e determinada por tal órgão, a mulher não existiria senão por ele.<sup>33</sup>

Rousseau explica a diferença das funções entre os sexos inscrevendo-as na natureza. Para ele os dois sexos são diferentes porque seguem as determinações da mesma. Cada qual, na sua especificidade, contribui para um objetivo comum, mas não da mesma maneira: “*Um deve ser ativo e forte, o outro passivo e fraco*”<sup>34</sup> Ou seja, para haver a união entre os sexos e consequentemente a reprodução da espécie, finalidade última da Natureza, esta constituiu o homem e a mulher

---

<sup>29</sup> Publicado pela *Correspondance littéraire*, em julho de 1774. (BADINTER, Elisabeth. *O que é uma mulher?*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991. p. 08).

<sup>30</sup> ROUSSEAU, Jean Jacques. *Emílio; ou, Da Educação*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 423-424.

<sup>31</sup> ROUSSEAU, op. cit., p. 428.

<sup>32</sup> DIDEROT, Denis de. “Sobre as mulheres”. In: BADINTER, E. *O que é uma mulher?* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991. p. 123.

<sup>33</sup> Percebemos assim, que o mito da mulher-útero substitui a teoria dos humores, erigindo a especificidade feminina em contraposição à mulher-macho inacabada. Continua, no entanto, legitimando a inferioridade “natural” da mulher. (BERRIOT- SALVADORE, op. cit., p. 422).

<sup>34</sup> ROUSSEAU, op. cit., p. 424.



diferentemente, cada qual necessitando do outro de maneira específica. Sendo a mulher mais fraca, precisaria do homem mais forte. Segundo Rousseau:

“a mulher é feita especialmente para agradar o homem. Se o homem deve agradar-lhe por sua vez, é necessidade menos direta: seu mérito está na sua força; agrada já, pela simples razão de ser forte(...) Se a mulher é feita para agradar e ser subjugada, ela deve tornar-se agradável ao homem ao invés de provocá-lo. Sua violência está nos seus encantos; é por eles que ela deve constrangê-lo a encontrar sua força e empregá-la. Daí nascem o ataque e a defesa, a ousadia de um sexo e a timidez do outro, finalmente a modéstia e pudor com que a natureza armou o fraco para escravizar o forte ”<sup>35</sup>

Nesse sentido, a natural inteligência da mulher a orientaria, mediante uma lei imutável da Natureza, a procurar agradar e atrair o homem. Para tanto deveria cultivar sua debilidade e seus encantos físicos e morais (beleza, doçura, recato, passividade) na medida em que estes constituiriam sua única e autêntica fonte de poder sobre os homens.

o mais forte, aparentemente senhor, depende na realidade do mais fraco; e isso não em virtude de uma frívola galanteria, nem de uma orgulhosa generosidade do protetor, e sim em consequência de uma lei invariável da natureza que, dando a mulher maior facilidade de excitar os desejos do homem que a este de satisfazê-los, faz depender o homem, apesar de tudo, da boa vontade da mulher e o leva a procurar por sua vez agradar-lhe para conseguir que ela consinta em deixá-lo ser mais forte.<sup>36</sup>

Assim a natural superioridade do homem permanecia compensada por sua dependência (sensual) da mulher. Não podemos deixar frisar, no entanto, que embora tal relação tivesse uma certa conotação de complementaridade, se trata de uma complementaridade hierarquicamente disposta. Segundo Rousseau: “*A mulher e o homem são feitos um para o outro, mas sua dependência natural não é igual: os homens dependem das mulheres por seus desejos; as mulheres dependem dos homens por seus desejos e suas necessidades; nós subsistiríamos mais sem elas do que elas sem nós.*”<sup>37</sup> Podemos afirmar, dessa forma, que a força e obviamente também a razão, pertenceriam à natureza masculina, enquanto a sedução seria fonte de poder para a natureza feminina.

Observamos, assim, que a sexualidade feminina legitima a “natural” inferioridade da mulher. Esta inferioridade vai ser estendida, naturalmente, a todo seu ser, particularmente às suas faculdades intelectuais. Para os iluministas a mulher não poderia ter o mesmo tipo de razão que o

---

<sup>35</sup> ROUSSEAU, op. cit., p. 424.

<sup>36</sup> Ibid, p. 426.

<sup>37</sup> Ibid, p. 432.

homem, pois a sua estaria, tal como o resto de sua pessoa, sujeita aos órgãos genitais. Daí provém em grande parte sua fraqueza e, por conseguinte, a sua inferioridade. A mulher seria uma eterna doente, sujeita regularmente a males que lhe são específicos. Os mesmos não lhe permitiriam levar uma vida social ativa. Por outro lado, o útero dominador faria da mulher um ser excessivamente sensível, presa de uma imaginação desenfreada. Diderot, por exemplo, depois de ter salientado que tal órgão dispõe da mulher, acrescenta que “*suscita em sua imaginação fantasmas de todo tipo*”<sup>38</sup> Esta sensibilidade excessiva bloquearia seu desenvolvimento intelectual.

Para Rousseau a mulher não seria desprovida da razão. Para ele esta faculdade seria mais elementar nas mulheres, não cabendo a estas cultivá-la senão na medida em que dela têm necessidade para cumprir os seus deveres naturais (a obediência e fidelidade ao marido, ternura e cuidado para com os filhos). A única ciência, para além de seus deveres, que caberia à mulher conhecer seria a dos homens que a rodeiam e, essencialmente, a do seu marido.

Tudo o que o seu sexo não pode fazer por si mesmo, e que lhe é necessário ou agradável, é preciso que ela tenha a arte de fazer com que queiramos; cumpre pois que ela estude a fundo o espírito do homem, e não por abstração o espírito do homem em geral, mas o espírito dos homens que a cercam, o espírito dos homens a que está sujeita, ou pela lei ou pela opinião.<sup>39</sup>

Observamos aqui, mais uma vez, que a filosofia de Rousseau se baseia na necessidade natural que as mulheres têm em agradar os homens, necessitando por isso conhecer-lhes os gostos e as aspirações. Em outro trecho do *Emile* afirma ainda, que “*o mundo é o livro das mulheres*”<sup>40</sup>, não necessitando estas de qualquer outra leitura. Ou seja, a mulher só teria relação com o concreto. A incapacidade de raciocinar como o homem se traduziria, entre outros aspectos, na impossibilidade destas compreenderem razões de crer em matéria religiosa<sup>41</sup>, ou de não possuírem bastante precisão e atenção para brilhar nas ciências exatas. As mulheres seriam incapazes de atividade conceitual, não possuiriam uma razão teórica.

Podemos afirmar que tanto Rousseau quanto Diderot, como a maior parte dos filósofos ingleses e franceses do Século das Luzes, são adeptos da teoria empirista-sensualista do conhecimento. Conforme CRAMPE-CASNABET, tal teoria defende que as idéias resultam da

---

<sup>38</sup> DIDEROT, op. cit., p. 123.

<sup>39</sup> ROUSSEAU, op. cit., p. 463.

<sup>40</sup> Ibid., p. 464.

<sup>41</sup> É por esta razão que, conforme Rousseau, a filha deveria ter a religião da mãe e a esposa a do seu marido. (ROUSSEAU, 1995, p. 448-449).

experiência, ou seja, seriam o produto complexo de operações de comparação, de combinações que trabalham e organizam a matéria-prima do conhecimento: a sensação. Para o pensamento iluminista, essa gênese das faculdades, da sensação até a idéia abstrata, se constituiria enquanto característica de toda espécie humana, traduzindo o desenvolvimento psicológico e intelectual de todos os indivíduos. Mas não, obviamente, o das mulheres. O discurso dominante dos filósofos das Luzes, procede como se na natureza feminina o processo genético dos conhecimentos se tivesse congelado. A sensibilidade excessiva própria do feminino, bloquearia esse desenvolvimento. Ou seja, demasiadas sensações impediriam a maturação das idéias, a passagem do sensível ao conceitual. As idéias ficariam assim, presas ao primeiro estágio, o da imaginação. Não daquela que contribui geneticamente para o conhecimento; trata-se de imaginação negativa, que faz tomar os desejos por realidades, que induz incessantemente ao erro, povoada por “fantasmas de toda espécie”. Essa fixação do espírito feminino no estágio imaginativo explica, para os filósofos, que ele continue a ser infantil, frágil e incontrolável. “*Oh, mulheres! sois crianças bem extraordinárias*”<sup>42</sup>, escreve Diderot. A mulher seria, dessa forma, o ser da paixão e da imaginação, não do conceito e da razão.

Da inferioridade sexual e intelectual da mulher, do seu papel natural na reprodução da espécie e no cuidado dos filhos decorre naturalmente uma definição da função e do seu papel. A mulher é essencialmente esposa e mãe. Dificilmente concebe-se, nesse sentido, que a mulher não seja casada, que não tenha filhos. Este papel de procriadora, conforme GRAMPE-CASNABET, *é inseparável do estatuto de servidão doméstica: ocupar-se do marido, dos filhos, da casa confere e impõe tantos deveres que seria cruel sobrecarregar a mulher com outras preocupações*.<sup>43</sup> Observamos, assim, que à mulher idealizada pelos iluministas caberia essencialmente o espaço doméstico. Rousseau, ao se referir a esta questão, afirma que “*tal é a maneira de viver que a natureza e razão prescrevem ao sexo.*”<sup>44</sup> Ao homem, pelo contrário, caberia ocupar-se dos negócios públicos, do governo, do Estado. Ou seja, a repartição bissexual das tarefas entre público e privado pertence também ao Século das Luzes.

Seguindo a lógica da desigualdade e da hierarquia entre os sexos que marca todo o pensamento desses filósofos, também o estatuto dos esposos se mostra desigual. O marido é o chefe da família, senhor de sua mulher. Citemos novamente Rousseau, quando o preceptor dá os seus conselhos a Sophie: “*Ao tornar-se vosso esposo, Émile tornou-se vosso chefe, a vós pertence*

---

<sup>42</sup> DIDEROT, op. cit., p. 124.

<sup>43</sup> GRAMPE- CASNABET, op. cit., p. 389.

<sup>44</sup> ROUSSEAU, op. cit., p. 435.

*obedecer-lhe, assim o quis a natureza.*”<sup>45</sup> O elemento que talvez distinga melhor a diferença de papéis é o modo que a razão se apresenta a cada um deles. Como dito anteriormente, para Rousseau a mulher possui uma razão mais elementar que o homem. Nesta, a razão seria mais prática, naquele, determinaria os fins que devem ser buscados. Dessa forma o homem estabelece os fins, o que é melhor, e a mulher executa as decisões do marido. Disso resulta, segundo Rousseau, uma relação social dos sexos admirável. Um depende do outro e juntos formam a harmonia. Contudo, como assinalado anteriormente, tal dependência não é igual: enquanto os homens poderiam subsistir sem as mulheres, as mesmas não o conseguiriam sem os homens.

A educação tem dentro do pensamento iluminista um papel fundamental. Entre os filósofos das Luzes era majoritária a idéia de que a instrução aperfeiçoa a espécie humana e permite, dessa forma, acelerar o seu progresso irreversível em direção à liberdade e à racionalidade. O triunfo do empirismo lockeano, que sugeria o equilíbrio da educação sobre a natureza, levou os iluministas a acreditarem que o homem era um ser perfectível. Ou seja, estes pensavam que através da educação era possível moldar o homem até lhe conferir uma forma ideal, havendo assim, a superação do ser humano e o surgimento de um “Homem Novo”, racional, emancipado, livre dos preconceitos e das tradições e, principalmente, imbuído de ideais humanitários.<sup>46</sup>

Não podemos deixar de nos perguntarmos, nesse sentido, o que os iluministas pensavam da educação das mulheres. Encarando-a como pertencente a espécie humana, também pensavam que era perfectível, necessária para o progresso da humanidade? Deveriam, nesse sentido, receber a mesma educação que os homens? Novamente, com raras exceções, é dominante entre tais filósofos a defesa de uma educação diferenciada para as mulheres.

Rousseau, por exemplo, parte da desigualdade entre os sexos para exigir uma educação específica para o sexo feminino. Diz ele: *“Uma vez demonstrado que o homem e a mulher não devem ser constituídos da mesma maneira, nem de caráter, nem de temperamento, segue-se que não devem receber a mesma educação”*.<sup>47</sup>

Como citado anteriormente, Rousseau encara a relação entre os sexos como uma relação de interdependência, porém pouco igualitária. Sendo a mulher “inferior” ao homem, tanto fisicamente quanto intelectualmente, necessitaria ser guiada e protegida, sob a pena de subsistir, perecer sem ele.

---

<sup>45</sup> ROUSSEAU, op. cit., p. 579.

<sup>46</sup> VOVILLE, Michel. *O homem do Iluminismo*. Lisboa: Editorial Presença, 1997. p. 09.

<sup>47</sup> ROUSSEAU, op. cit., p. 430.

Necessitando tanto assim do homem, ela precisaria de uma educação que desenvolvesse suas qualidades naturais, próprias para agradar e atrair o homem.

assim o mandou a natureza, que dá às mulheres um espírito tão agradável e tão versátil (...) ela quer que elas pensem, julguem, amem, conheçam, cultivem seu espírito como seu rosto; são as armas que lhes dá para suprir a força de que carecem e para dirigir a nossa. Elas devem aprender muitas coisas, mas as que lhe convém saber.<sup>48</sup>

Nesse sentido caberia à mulher aprender a cultivar a doçura, o recato, a beleza, a delicadeza, a sedução todas indispensáveis para agradar o homem. Percebemos que para Rousseau a mulher é o ser da aparência, que só existe pelo olhar de *outrem*, que se molda conforme os desejos masculinos. Nesse sentido, ela corresponde à definição rousseauiana do homem corrompido pela degradação social, um ser que cultiva as aparências, uma máscara sem profundidade, um ser que já não está presente em si. Essa infelicidade do homem fora de si que Rousseau descreve e deplora é, aos seus olhos, o estatuto natural (e não social) da mulher.

Qualquer alteração na educação feminina visaria alterar as leis da natureza e, de feito, iria contra os próprios interesses das mulheres. *Quanto mais quiserem assemelhar-se a eles (os homens), menos os governarão e então é que eles serão os senhores.*<sup>49</sup> Afirmava Rousseau, ao se referir às mulheres que desejavam ter os mesmos direitos que os homens.

Diderot também parece compartilhar as idéias de Rousseau. Diz ele, se referindo à beleza feminina, em uma carta dirigida a Sophie Volland (1762): “*As mulheres parecem destinadas ao nosso prazer. Quando não possuem mais esse atrativo, tudo está perdido para elas.*”<sup>50</sup> Não há melhor maneira de dizer que a mulher não tem existência autônoma. Só o olhar ou o desejo do homem lhe confere sua razão de ser.

Rousseau também afirma que a mulher deve ser instruída para que possa cuidar dos filhos, do marido e do lar, pois tais funções são próprias de sua natureza.

Toda educação das mulheres deve ser relativa ao homem. Serem úteis, serem agradáveis a eles e honradas, educá-los jovens, cuidar deles grandes, aconselhá-los, consolá-los, tornar-lhes a vida mais agradável e doce; eis os deveres das mulheres em todos os tempos e o que lhes devemos ensinar já na sua infância.<sup>51</sup>

---

<sup>48</sup> Ibid, p. 432.

<sup>49</sup> Ibid, p. 431.

<sup>50</sup> BADINTER, op. cit., p. 28.

<sup>51</sup> ROUSSEAU, op. cit., p. 433.

As palavras do filósofo dizem, melhor que todas as outras, como deve ser a educação das moças. A mulher não tem acesso ao conhecimento para si, mas para tornar sua presença agradável aos que a rodeiam. Decididamente, ela não é feita para saber, mas para o prazer e o bem estar do marido e dos filhos.

Observamos ainda, que entre os pensadores do Iluminismo prevalece a defesa da inferioridade da razão feminina, de que as mulheres não têm capacidade conceitual, advogando que seus estudos devem se limitar à prática. Citemos novamente Rousseau, nesse sentido, exemplar: “*A procura de verdades abstratas e especulativas, dos princípios, dos axiomas nas ciências, tudo o que tende a generalizar as idéias não é da competência das mulheres, seus estudos devem voltar-se à prática*”<sup>52</sup> Ou seja, em relação à educação feminina predominava a idéia de uma formação que não subvertesse a função primordial da mulher: ser esposa e mãe.

Observamos que os discursos iluministas sobre o feminino se mostram extremamente paradoxais em relação a muitos dos ideários das Luzes. Paradoxo ainda maior, no entanto, era sustentar a desigualdade intelectual das mulheres quando, precisamente, algumas mulheres de condição social elevada animaram os salões onde se propagava o espírito filosófico e contribuíram para o desenvolvimento da literatura e para a difusão das ciências e das artes.<sup>53</sup>

### 1.3 PARTICIPAÇÃO FEMININA NO MOVIMENTO DAS LUZES

O principal papel desempenhado pelas mulheres no movimento em questão foi o de promover espaços de sociabilidade propícios à difusão das idéias iluministas. Eram nestes espaços, então denominados salões, que se discutiam as novas descobertas e cultivava-se o espírito crítico. Nestes locais, considerados extremamente agradáveis pelos pensadores iluministas, se dava uma rica “convivência cultural”, regada pelos prazeres da mesa, encontros amorosos e principalmente conversas inteligentes.<sup>54</sup>

---

<sup>52</sup> Ibid, p. 463.

<sup>53</sup> CRAMPE- CASNABET, op. cit., p. 373.

<sup>54</sup> Ao contrário do que muitos pensam, o Iluminismo não foi uma doutrina pregada nas Universidades. Na verdade se desenvolveu em lugares bastante distintos, como cafés e salões. Conforme DULONG, as Universidades, fechadas em seu dogmatismo e na sua soberba, rejeitavam com hostilidade tudo o que contradizia a sacrossanta autoridade dos Antigos, restando dessa forma aos círculos privados gerir as novas descobertas e teorias. (DULONG, C. “Da conversação à criação”. In: DUBY, G. e PERROT, M. *História das mulheres no Ocidente. Do Renascimento ao Século das Luzes*. Vol. 3 Porto: Afrontamento, 1994. p. 479)

Segundo GODINEAU, em tais espaços se encontravam lado a lado nobres, burgueses, ricos, letrados, homens de ciência de todas as nacionalidades. Local de encontro, de saber, de criação, de intercâmbio, de circulação cultural, os salões eram também locais de promiscuidade intelectual. Nestes, as mulheres ocupavam uma posição fundamental. Além de promover e presidir tais espaços, cabia a elas equilibrar as tensões inerentes às discussões. Através de uma autoridade invisível e discreta, as personalidades masculinas se harmonizavam por obra do altruísmo feminino.<sup>55</sup>

Entretanto, apesar de desempenharem a função de guias ideais das Luzes, as mulheres não podiam ser consideradas como detentoras do verdadeiro poder intelectual. Para GODINEAU, os salões foram, sem dúvida, um local de promoção feminina. Permitiram às mulheres a participação na sociabilidade cultural da época e a ter também uma função intelectual, brilhante e reconhecida, mas que mesmo assim se inseriu dentro de certos limites, não afetando fundamentalmente as relações entre os sexos.<sup>56</sup>

Não podemos deixar de frisar, entretanto, que os salões também propiciaram às mulheres a possibilidade de reflexão, de “refinamento do espírito”, pois foram nesses espaços que muitas delas tiveram a oportunidade de entrar em contato com saberes negados às mesmas em decorrência da educação que lhes era destinada.<sup>57</sup> Nesse sentido, parece relevante a hipótese que muitas delas tenham passado da conversação à criação, ou seja, da conversação à produção escrita.

Segundo DULONG, socialmente marginalizadas, afastadas da educação, as mulheres percorreram sinuosos caminhos para se afastarem do papel que lhes foi pré-fixado e se aproximarem da criação. O encontro com os homens nos salões oferecia-lhes a oportunidade de cultivar a conversação e, em decorrência disso, muitas vezes também a escrita. Conforme GODINEAU, durante o século XVIII o número de publicações femininas aumentou em todos os países da Europa.<sup>58</sup> Quanto ao gênero de tais publicações, podemos dizer que em sua maioria se restringiam a manuais de devoção, tratados ortodoxos sobre educação das filhas, antologias de conselhos morais, entre outros. DULONG explica essa restrição de conjunto da produção feminina por inúmeros aspectos. Segundo ela, muitos gêneros continuavam fora do alcance das mulheres. Mesmo com a

---

<sup>55</sup> CHARTIER, Roger. “O homem de Letras”. In: VOVELLE, M. O homem do Iluminismo. Lisboa: Editorial Presença, 1997, p. 131.

<sup>56</sup> GODINEAU, D. op. cit., p. 327.

<sup>57</sup> A educação das mulheres deveria ser relativa à do homem, tendo como premissa sua função de esposa e mãe. Nesse sentido, caberia as mesmas saber a governar a casa, saber ler, escrever e fazer contas, conhecer alguns rudimentos de história, de geografia, de literatura e línguas estrangeiras, sem esquecer, obviamente, a religião, a dança, a música e eventualmente o desenho, tais saberes seriam mais do que suficientes às mesmas. (GODINEAU, D., 1993, p. 323).

<sup>58</sup> GODINEAU, op. cit., p. 327.

ajuda dos salões, lugar onde alargavam sua cultura através da conversação, elas não podiam ter assimilado suficientemente tudo que dizia respeito à ciência e à filosofia para, por sua vez, dissertarem sobre tais assuntos.

Outra barreira encontrada pelas mulheres autoras, para DULONG a principal, era o fato de serem encaradas com estranhamento ou mesmo com desprezo pelo restante da sociedade. Naquele período, era raro uma mulher publicar, muito menos obras que fugiam das temáticas permitidas às mesmas. Conforme DULONG, o ato feminino de publicar era visto como indigno pela sociedade. Geralmente as que ousavam empreender tal tarefa o faziam por necessidade, ou por não terem nenhuma situação social a salvaguardar.<sup>59</sup> Compreende-se assim por que tantas autoras se refugiaram em pseudônimos ou mesmo no anonimato.

Nos parece evidente, dessa forma, que só era permitido às mulheres escrever justamente o que lhes tinha sido permitido aprender, ultrapassado esse âmbito elas eram desconsideradas. Reduzir, no entanto, a produção feminina a textos pedagógicos célebres significaria esquecer os inúmeros ensaios filosóficos, políticos e científicos escritos por mulheres. Muitas, apesar das limitações impostas pela sociedade, conseguiram ter uma significativa produção intelectual.<sup>60</sup> Dentre estas podemos citar a francesa Madame de Châtelet, tradutora de Newton, a alemã Sophie von La Roche, autora de romances de sucesso, a inglesa Catherine Macaulay, autora da monumental obra *History of England from the Accession of James I*, coleção admirada por muitos filósofos, entre outras. A enumeração dos trabalhos intelectuais femininos seria considerável. Mas terá a produção literária feminina deste contexto chegado a questionar o lugar atribuído ao seu sexo?

---

<sup>59</sup> DULONG, op. cit., p. 485.

<sup>60</sup> Muito antes de adentrar no Século das Luzes, conhecido por ser um período de “*efervescência geral dos espíritos*”, muitas mulheres já haviam produzido conhecimentos significativos na área da ciência e da literatura. Em 1405, Christine de Pizan, tida como a primeira mulher a viver de sua pena, indagava se as mulheres haviam feito contribuições originais nestas áreas. Entre as invenções que Pizan atribuía às mulheres estavam a fabricação do pão, o tingimento de lã e a elaboração de tapeçarias, além da arte de construir jardins e cultivar grãos. Nos séculos XVII e XVIII a organização menos rígida da ciência permitiu às mulheres abrir caminho em círculos científicos. Segundo SCHIENBINGER, nos anos iniciais da revolução científica, mulheres de alta estirpe eram encorajadas a saber algo sobre ciência. Enquanto em França as contribuições vinham das classes abastadas, na Alemanha, algumas inovações mais interessantes vinham de artesãs. Inúmeras outras mulheres, de condição mais baixa, também contribuíram para o desenvolvimento de muitos saberes. Parteiras, por exemplo, muito antes do recente entusiasmo pelas iniciativas da saúde feminina, assumiam a medicina das mulheres. (Sobre essa discussão ler o primeiro capítulo de SCHIENBINGER, Londa. *O feminismo mudou a ciência?* São Paulo: Edusc, 2001).



É procurando responder a esta questão que se torna relevante pesquisarmos a atuação da escritora inglesa Mary Wollstonecraft que em 1792 escreveu *Vindication of the Rights of Woman*, importante obra de reflexão sobre a educação e os direitos das mulheres. Esta pensadora criticou os estereótipos femininos vigentes naquele contexto, além de reivindicar um novo lugar às mulheres. Nos capítulos seguintes serão analisadas a vida e a obra desta autora, procurando examinar como ela conseguiu formular suas idéias peculiares, além de delinear um quadro geral do seu pensamento em relação ao feminino, particularmente os direitos que reivindicou as mulheres.

### 3 TRAJETÓRIA DE UMA ESCRITORA DO SÉCULO XVIII

A pensadora inglesa Mary Wollstonecraft desempenhou um importante papel no Iluminismo inglês. Além de ter sido uma participante ativa, formulou um discurso bastante peculiar sobre o feminino, tanto em relação aos filósofos quanto às filósofas iluministas. Observamos ao longo do primeiro capítulo que os pensadores das Luzes, majoritariamente, concebiam um lugar diferenciado para as mulheres, apesar de colocarem no centro do seu discurso a noção de sujeito universal e o princípio de igualdade. Wollstonecraft, em sua obra *Vindication of the Rights of Woman*, questionou tal posição, evidenciando muitos dos paradoxos presentes na mesma.

Partindo da premissa de que o que permitiu a autora desenvolver suas idéias singulares foi o fato dela ter conseguido perceber que as relações sociais de sua época estavam transpassadas por diferenças de gênero e, principalmente, que essas especificidades acabavam determinando largamente o lugar das mulheres naquele contexto, inclusive o dela própria, procuraremos compreender como se deu esse processo de “desvelamento”.

Nesse sentido, se faz necessário entender de forma mais ampla sua participação nos círculos radicais e dissidentes ingleses, pois foram nesses espaços que ela teve oportunidade de entrar em contato com saberes negados comumente às mulheres daquele contexto. Conforme BURDIEL, as idéias que transitavam em tais meios foram essenciais para sua formação política e intelectual.<sup>61</sup>

Pensamos ser importante ainda, analisar alguns aspectos relacionados à trajetória pessoal de Wollstonecraft, como por exemplo, o conturbado relacionamento de seus pais, a difícil situação que a mesma enfrentou ao procurar viver “dignamente” fora da instituição do casamento, ou mesmo a situação ambígua que ela vivenciou, muitos anos depois, ao ter que conciliar suas atividades intelectuais às de esposa e mãe; todas essas essenciais, ao nosso ver, para um entendimento completo do pensamento de tal autora.<sup>62</sup>

Com tal tipo de abordagem, procuraremos explicar como uma trajetória individual singular, tornou possível o despertar de uma consciência crítica em relação a um modelo social e cultural de “ser mulher”, ratificado e legitimado por um sistema de valores e costumes arraigados naquele contexto.

---

<sup>61</sup> BURDIEL, I. “Introdução” In: WOLLSTONECRAFT, M. *Vindicación de los Derechos de la Mujer*. Madri: Ediciones Cátedra, 2000, p. 30- 39.

<sup>62</sup> Para a análise da vida e da obra de Wollstonecraft, nos basearemos nos trabalhos de TOMALIN e BURDIEL, a primeira nos possibilita uma visão ampla do contexto e da vida de nossa autora, a segunda faz um estudo mais analítico das obras da mesma.

Mary Wollstonecraft nasceu em 27 de abril de 1759, na Inglaterra. Pertencente à classe média inglesa,<sup>63</sup> durante anos decisivos de sua primeira infância e adolescência, se moldou aos tradicionais valores e comportamentos colocados às mulheres dessa nova classe ascendente. A educação formal que Mary e as suas irmãs receberam foi extremamente precária quando comparada à destinada ao primogênito dos Wollstonecraft. Segundo TOMALIN, nossa autora recebeu toda sua instrução em uma *day school* (escola diurna, sem internato), já seu irmão mais velho estudou em uma *grammar school* (escola de ensino secundário), que contava inclusive com uma excelente biblioteca. Podemos afirmar, dessa forma, que Wollstonecraft não se viu obrigada a dominar as duvidosas artes de uma senhorita de internato, aprendendo, no entanto, pouco mais que a ler e escrever. Era comum no período idealizar caminhos específicos para os filhos de sexos diferentes. Os pais de Wollstonecraft, por exemplo, desejavam para o filho varão a carreira de leis e para o restante das filhas, certamente, um matrimônio vantajoso.<sup>64</sup> Isso explica o despreço que demonstraram pela educação de Mary e suas irmãs, e a predileção que destinavam ao filho, àquele que caberia levar o sobrenome familiar para a posteridade.

Com a morte do avô de Mary, no ano de 1765, a família começou a passar por dificuldades financeiras. A desastrosa gestão patrimonial de seu pai arrastou toda a família, com a privilegiada exceção do filho mais velho que havia recebido a herança diretamente do avô, para a ruína econômica.

A ruína familiar colocou Wollstonecraft em uma situação que, dada a inexistência de um dote suficiente, a impedia de contrair um matrimônio de acordo com as aspirações alimentadas por uma jovem educada em e para a classe média com pretensões. Além disso, naquele momento Wollstonecraft não parecia inclinada a encarar com bons olhos tal instituição. O conturbado relacionamento de seus pais<sup>65</sup> e posteriormente a dificuldades matrimoniais enfrentadas por uma de suas irmãs a levou a afirmar, em muitas de suas cartas de adolescente, que não se casaria jamais.<sup>66</sup>

---

<sup>63</sup> O avô de Mary, Edward Wollstonecraft, pode ser considerado um autêntico representante da nascente burguesia industrial britânica. Tecelão, provavelmente do ramo da seda, chegou no início do século XVIII ao bairro artesanal londrino de Spitafields. À data de sua morte, já era considerado um “fabricante respeitável” e um cavalheiro com uma fortuna que lhe situava nos extratos superiores da classe média. (BURDIEL, 2000, p. 23).

<sup>64</sup> TOMALIN, Claire. *Vida y Muerte de Mary Wollstonecraft*. Barcelona: Montesinos, 1993, p. 20.

<sup>65</sup> São conhecidas e amplamente difundidas as violências físicas e verbais que Edward Wollstonecraft, pai de Mary, exercia sobre a mulher e os filhos. A mãe desta representava o típico exemplo de submissão, obrigada ou voluntariamente cega, que muitas mulheres sofriam e cultivavam ao longo de suas vidas. (BURDIEL, 2000, p. 25).

<sup>66</sup> Conforme TOMALIN, nesse período de sua vida Wollstonecraft desenvolveu uma postura de repúdio em relação ao sexo oposto e à feminilidade tradicional. Posteriormente abandonaria tal ponto de vista, rechaçando-o em *Vindication*, mas no momento tudo a conduzia a defendê-lo. (TOMALIN, 1993, p. 36).

Podemos dizer que o lado obscuro da “mulher decente” e do ideal de matrimônio colocado pela maioria dos iluministas, particularmente por Rousseau, como comunhão hierarquicamente disposta de dois espíritos dedicados ao bem comum, se mostrou como todo o seu rigor a, quem anos mais tarde, criticaria tão ardentemente tal modelo.

Descartado o matrimônio, as possibilidades que a sociedade daquela época oferecia a alguém como Wollstonecraft, que se encontrava às margens de sua classe, eram reduzidíssimas: dama de companhia, professora em alguma paróquia ou governanta. Todos estes ofícios Wollstonecraft exerceu, devido ao que a partir de então, por necessidade e por convicção, se converteu na motivação principal de sua vida: a independência econômica.

Segundo BURDIEL, dizer que Wollstonecraft foi, ao menos em parte, o produto de uma “mulher decente” malograda por circunstâncias alheias à sua vontade não é uma provocação, nem uma explicação psicologista. É tentar explicar como o vazio criado pela perda desse modelo podia, na maior parte dos casos, levar à passividade, mas também a um ardente esforço de crítica e de resistência em relação ao mesmo. Desse esforço foi formando-se uma identidade particular, forjada através de iniciais identificações e resistências; de esperanças concebidas e frustradas que a fizeram descobrir, em primeiro lugar, que a sua única defesa possível era a de não querer ser o que, em todo caso, as circunstâncias de sua vida haviam impedido de ser. Descobriu, enfim, quão larga era a “sombra” da “mulher decente” e a lutar contra ela, no público e no privado, dedicou a sua vida.<sup>67</sup>

Entre 1778 e 1787, ou seja, entre seus 19 e 28 anos de idade Wollstonecraft foi, sucessivamente, dama de companhia, professora em uma escola para senhoritas, estabelecida com suas irmãs e finalmente governanta de uma família aristocrática. Podemos dizer, que experimentou todos os sucessivos papéis que as regras de decência de sua época lhe teriam reservado.

Um experimento que, sem dúvida, adotou com um tom de rebeldia que não devia ser precisamente comum a outras mulheres em sua situação. Entretanto, o primeiro desafio realmente direto e absoluto às convenções sociais foi o famoso episódio, planejado por Wollstonecraft, da fuga de sua irmã Elisa de um matrimônio infeliz.<sup>68</sup> Tal episódio é revelador da natureza da família e da indefinição legal da mulher naquele contexto. Esta, não somente carecia de identidade própria no plano jurídico e no econômico uma vez que contraía matrimônio como, segundo as leis da época, seus filhos pertenciam ao marido e a possibilidade de divórcio era extremamente custosa e difícil.<sup>69</sup>

---

<sup>67</sup> BURDIEL, op. cit., p. 26-27.

<sup>68</sup> TOMALIN, op. cit., p. 44.

<sup>69</sup> BURDIEL, op. cit., p. 28.

Segundo TOMALIN, tal episódio foi, provavelmente, sentido por Wollstonecraft como um golpe contra todos os maridos tirânicos, contra seu pai e seu prepotente e hostil irmão<sup>70</sup> ou mesmo contra todos os homens que se advogavam superiores por direito divino e desfrutavam de heranças, educação e carreiras profissionais, privilégios comumente negados às mulheres.<sup>71</sup> Podemos dizer, nesse sentido, que tal desafio não se deu somente ao nível pessoal. Era característico de Wollstonecraft, sua capacidade e insistência em pensar-se a si mesma tentando transcender-se, buscando uma explicação social para suas experiências privadas.

Duas aventuras intelectuais foram decisivas na quase autodidata formação, de quem havia recebido, inclusive para os padrões da época, uma educação formal especialmente precária. A primeira delas foi o contato que Wollstonecraft manteve durante os anos como diretora da escola de Newington Green (1783-1786) com o famoso círculo reformista criado em torno do pastor dissidente Richard Price, autor do sermão a favor da Revolução Francesa que enfureceria Edmund Burke e provocaria suas famosas *Reflexões*.

Os dissidentes, termo que englobava a todos os fiéis protestantes não membros da Igreja da Inglaterra, excluídos legalmente dos direitos civis, do acesso a cargos públicos e das universidades, constituíram sem dúvida um dos focos mais homogêneos e ativos em torno do qual foi se criando o radicalismo político da classe média inglesa no período. O círculo que Wollstonecraft frequentou em Newington Green pertencia em sua maioria a Igreja Unitária e cultivava uma tradição de “cristianismo racional”<sup>72</sup> que insistia no livre uso da razão na prática religiosa e, em termos teológicos, negava a divindade de Cristo e o ministério da Santíssima Trindade.

Os dissidentes racionalistas, herdeiros em grande parte do empirismo de Locke e do puritanismo calvinista, acreditavam firmemente na perfectibilidade humana através da educação, no esforço, na sobriedade e no autocontrole individual. Algo que, em muitos aspectos os tornava especialmente sensíveis às idéias radicais e ilustradas. Em qualquer caso, é certo que as congregações dissidentes das décadas de 1860 e 1870 do século XVIII, constituíam autênticos

---

<sup>70</sup> É amplamente conhecido o desentendimento que sempre marcou o relacionamento de Mary como seu irmão Ned. Conforme seus biógrafos, isso se deveu tanto ao tratamento diferenciado que o último sempre recebeu, fato que sempre provocou indignações em Mary, quanto ao fato de Ned ter praticamente abandonado a responsabilidade de manter as irmãs, apesar de ser o que sempre esteve em melhor situação financeira.(TOMALIN,1993, p. 28).

<sup>71</sup> TOMALIN, op. cit., p. 44.

<sup>72</sup> A luta contra a tradição religiosa, uma das principais características das Luzes, não assumiu em todos os países a mesma forma. Na França, por exemplo, tomou imediatamente uma direção hostil à Igreja. Nos países protestantes, entretanto, onde a tradição dogmática já vinha à séculos submetida a uma crítica sistemática, as coisas foram um pouco diferentes.As próprias Igrejas reformadas participaram da tendência no sentido de favorecer a valorização da razão, no livre exame das Escrituras e de se contrapor ao predomínio absoluto do dogma da fé.(FORTES, 1985, p. 17).

viveiros de revolucionários. Segundo THOMPSON, “*de pronto se tem a sensação de que as sementes em estado latente do radicalismo político se encontram dispostas a germinar logo que se encontrem em um contexto benéfico e esperançador*”<sup>73</sup>.

Podemos dizer, dessa forma, que as idéias que transitavam nos meios dissidentes foram muito importantes para Wollstonecraft, pois foi a partir delas que, certamente, se preparou para desenvolver um pensamento crítico frente à sociedade. Além disso, a difícil situação social dos dissidentes, serviria como base para, posteriormente, Wollstonecraft criticar o lugar destinado ao feminino. Em *Vindication*, a mesma traçaria um paralelo direto entre as deficiências das mulheres e a dos dissidentes, e atribuiria os defeitos de caráter de ambos os grupos à opressão que se viam forçados a suportar. Ou seja, podemos dizer que tal pensadora se identificou com os dissidentes e que seus pontos de vista sobre os direitos humanos e a igualdade de oportunidades a estimularam a pensar os problemas do seu próprio sexo sob o mesmo enfoque.<sup>74</sup>

A experiência de Wollstonecraft com os dissidentes também a levou a desenvolver o característico despreço que aqueles cultivavam em relação aos comportamentos da aristocracia. Adquiriu, nesse sentido, a convicção plenamente dissidente e radical que era na classe média onde estava a maior parte da virtude e da felicidade, além da verdadeira educação.<sup>75</sup>

Outro ponto que não podemos deixar de destacar é que, conforme BURDIEL, os ambientes unitaristas eram especialmente propícios para que as mulheres a eles vinculadas pudessem desenvolver, com mais liberdade que em outros contextos, um certo sentimento de si mesmas e de sua capacidade de pensar de forma independente. O compromisso com as idéias de Locke e a firme crença no papel da mulher como moralizadora, fazia com que os unitaristas fossem mais sérios e ativos em relação à educação das meninas que outras igrejas protestantes. Isso permitiu a Wollstonecraft assentar algumas de suas idéias mais duradouras acerca do valor da educação na formação do caráter e das identidades individuais.<sup>76</sup>

No entanto, as idéias dissidentes continham também elementos de caráter menos libertador, visto que nesse contexto, a formação da identidade feminina confinava-se à produção e reprodução dos valores de sobriedade, autocontrole, abnegação e sacrifício que a nova classe média opunha à licenciosidade moral e ao despotismo aristocrático.

---

<sup>73</sup> THOMPSON, E. *Formação da Classe Operária Inglesa*. Vol. 1 Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 13-44.

<sup>74</sup> TOMALIN, op. cit., p. 63-64.

<sup>75</sup> Ibid., p. 65.

<sup>76</sup> BURDIEL, op. cit., p. 31.

Outra experiência intelectual importante desse período foi sua apaixonada leitura do *Emílio*, de Rousseau. Como resultado desta, e das idéias que entrara em contato nos meios dissidentes, surgiram suas duas primeiras obras publicadas: *Thoughts on the Education of Daughters* (1787), um guia de educação para meninas e *Mary* (1788), um romance sentimental.

Segundo BURDIEL, foram suas relações dissidentes que lhe sugeriram a possibilidade de explorar esse novo ofício de escritora. Como vimos no primeiro capítulo, a produção literária feminina era extremamente restrita. Entre os âmbitos permitidos, estavam os manuais educacionais e as novelas sentimentais. Supunha-se nesse período que as mulheres eram especialmente dotadas para discorrer sobre tais temas.<sup>77</sup>

A primeira obra de Wollstonecraft, *Thoughts on the Education of Daughters* (Pensamentos Sobre a Educação das Filhas), não diferia muito dos livros de conduta da época, dedicados a internalizar os valores de autocontrole e submissão que, teoricamente, garantiam o amor e o matrimônio às mulheres. Wollstonecraft inovou, entretanto, ao inserir a questão das escassas possibilidades de respeitabilidade social e de independência econômica que a sociedade de sua época proporcionava a uma jovem educada, mas de escassa fortuna que, por circunstâncias alheias ou por decisão própria, não chegava a contrair matrimônio.<sup>78</sup> Observamos, dessa forma, que Wollstonecraft já apresentava nesse livro algumas idéias que desenvolveria de forma mais consciente e elaborada em *Vindication*. Nos referimos, nesse sentido, à sua capacidade de assinalar as contradições inerentes ao tradicional discurso da “mulher decente”.

Sua segunda obra *Mary* foi escrita sob as mesmas influências intelectuais, mas num contexto completamente diferente. Sua grande amiga, Frances Blood, que morava em Lisboa e sempre tivera uma saúde delicada, encontrava-se extremamente doente. Diante dessa situação Mary abandonou a escola em Newington Green aos cuidados de suas irmãs e foi estar com sua amiga. Ao voltar, devido à morte de Frances, encontrou sua escola arruinada. Isso a obrigou a aceitar o último dos empregos “plenamente feminino” que haveria de desempenhar em sua vida: o de governanta de uma família aristocrática na Irlanda.

Nesse contexto Wollstonecraft se debruça com veemência ao que ela chamava de “meus estudos”, em especial à leitura das obras de Rousseau. Também é nesse meio, através da observação

---

<sup>77</sup> BURDIEL, op. cit., p. 32.

<sup>78</sup> TOMALIN, op. cit., p. 63.

do modo de vida aristocrático, que ela arrefeceu seu despreço pelo mesmo, particularmente em relação aos costumes femininos.<sup>79</sup>

Para BURDIEL, a obra *Mary, a Ficção* retrata as mais recentes experiências vitais e intelectuais de sua autora: a dor da perda de sua amiga, a insegurança de sua posição social, seu desgosto moral e de classe em relação aos costumes aristocráticos e a leitura de Rousseau. Influenciada por tudo isso, Wollstonecraft tentou escrever um romance que se distanciava, em muitos aspectos, das novelas sentimentais do período. Seu principal objetivo era mostrar e provar a existência, ao menos na ficção, de uma mulher dotada da capacidade de pensar, cuja grandeza derivaria do exercício de suas próprias faculdades, não subjugadas à opinião, mas sim produto de sua original força de vontade e originalidade.<sup>80</sup>

Um desenvolvimento mais consciente e elaborado de suas idéias e críticas em relação ao feminino só se tornou possível, entretanto, quando Wollstonecraft entrou em contato com novas culturas e experiências. Estamos nos referindo, nesse sentido, à sua inserção nos círculos radicais ingleses. Foi devido à convivência em tal meio que esta, entrando em contato com os ideais ilustrados e radicais, conseguiu abandonar o campo doméstico e feminino das obras sobre educação e desenvolver uma postura crítica em relação às idéias do até então idolatrado Rousseau.

Depois de perder seu emprego como governanta, devido a desentendimentos com sua empregadora, Mary Wollstonecraft retornou a Londres e procurou Joseph Johnson<sup>81</sup>, o editor de suas primeiras obras.

Dirigiu-se a ele em busca de conselhos e ajuda para ganhar sua vida, pelo menos parcialmente, mediante seu recém estreado ofício de escritora. Suas esperanças foram, surpreendentemente, satisfeitas. Johnson lhe ofereceu de imediato a possibilidade de escrever e traduzir para sua editora durante tempo integral.

Joseph Johnson era um dissidente radical conhecido pelas críticas que fazia ao sistema estabelecido. Considerava de extrema importância o critério Iluminista de focar a edição como um eficaz método de elevar o nível moral e intelectual da sociedade, utilizando largamente sua editora nesse intuito. Ainda na década de 1780 se tornou distribuidor oficial da literatura dos unitários e se

---

<sup>79</sup> Sobre esse período da vida de Mary, ver TOMALIN, Claire. *Vida y Muerte de Mary Wollstonecraft*. Barcelona: Montesinos, 1993. p. 66-90.

<sup>80</sup> BURDIEL, op. cit., p. 36.

<sup>81</sup> Até então, Mary só tinha mantido contato com Johnson por carta. (TOMALIN, 1993, p. 93).



manteve em permanente contato com as academias dissidentes<sup>82</sup>. Como resultado sua casa editorial se transformou em uma plataforma de lançamento da produção intelectual dessas academias, estando envolvido com as idéias radicais e ilustradas desde seus inícios. Como Johnson buscava promover as causas que lhe eram caras, sua editora logo contava com uma ampla e diversificada gama de escritores humanistas e radicais. Segundo TOMALIN, poucos grupos oprimidos da época deixaram de encontrar apoio em sua prensa: escravos, judeus, mulheres, dissidentes, pessoas privadas de sua cidadania, ou simplesmente pobres e miseráveis.

Além disso, Johnson, como a maioria dos editores do período, tinha consciência da importância de se manter um acolhedor salão de convidados. Intelectuais como Thomas Christie, William Blake, Tom Paine, Joseph Priestley, William Godwin, entre outros, associados a projetos e simpatias reformistas, eram presenças constantes no círculo que se formou ao redor de Johnson. Também era comum em tal meio a presença de uma ou outra escritora ou reformadora moral, como Anna Barbauld ou Fanny Burney. A casa editorial de Johnson era uma espécie de clube, onde os visitantes tinham uma boa acolhida e podiam conversar e trocar idéias comodamente.<sup>83</sup>

Sua casa editorial se constituiu, dessa forma, em um ponto de encontro e difusão da intelectualidade radical e dissidente londrina, profundamente imbuída dos ideais ilustrados em suas múltiplas vertentes, e simpatizante do movimento a favor da reforma constitucional em Inglaterra que tomava corpo naqueles anos em torno das sociedades constitucionais e de correspondência.<sup>84</sup>

---

<sup>82</sup> Proscritos das universidades, os dissidentes haviam aberto suas próprias academias, que se mostraram notavelmente superiores às tradicionais. Ofereciam com exclusividade o ensino de história, ciência e economia, sugeriam um enfoque crítico dos textos bíblicos, além de cultivar o pensamento especulativo e o debate das questões religiosas. Através de várias academias inglesas desse tipo se desenvolveu uma verdadeira inteligência. Uma grande parte dos futuros amigos e conhecidos de Wollstonecraft procederam das citadas academias. Estas eram certamente verdadeiros viveiros de revolucionários, formadoras de estudantes instruídos para abordar qualquer questão como uma visão crítica e para julgar as instituições antes por seus méritos que pela autoridade ditada pela tradição. (TOMALIN, 1993, p. 64).

<sup>83</sup> TOMALIN, op. cit., p. 101.

<sup>84</sup> Nos últimos anos da década de 1780 surgiram em Inglaterra, devido em grande parte à influência revolucionária francesa, associações patrióticas e revolucionárias cuja reivindicação principal geralmente se resumia em três pontos: sufrágio universal, representação igual e renovação anual do Parlamento. Havia grupos radicais e moderados, representando as mais variadas classes, inclusive o operariado londrino. Quando eclode a Revolução, existe entre Inglaterra e França um abismo histórico que, de fato, deixa a primeira a salvo das convulsões da segunda. Enquanto em França a Igreja possuía uma parcela considerável do solo, na Inglaterra grande parte dos domínios da Igreja já haviam sido secularizados desde 1688. Quanto à burguesia francesa, era se opondo à nobreza a aos seus privilégios garantidos pelo monarca que tinha chance de conquistar seus direitos, ao passo que na Inglaterra a nobreza e a burguesia já estavam há muito aliadas para conter os poderes do rei, e as camadas populares se contentavam em viver à sombra dessa venturosa aliança. Da mesma maneira, a Grã-Bretanha dispunha há séculos de um sistema de representação legal, com uma Câmara dos Comuns de passado brilhante e, por mais que imperfeita que fosse esta representação, era possível corrigi-la sem graves transtornos, enquanto em França tudo estava por ser conquistado através de muita luta. No entanto, a influência revolucionária adentrou em solo inglês. VINCENT explica isso através de três fatores: uma prerrogativa real que, notadamente sob Jorge III, avançara incessantemente sobre os direitos dos comuns a ponto de comprometer um

Newington Green havia proporcionado a Wollstonecraft uma antecipação desse modelo de pessoas e conversações, mas em *Saint Paul's Churchyard* (nome da casa editorial de Johnson) não havia tantas viúvas e clérigos exigir o “bom tom”, além disso, a geração mais jovem estava muito mais predisposta ao ócio intelectual e à ruptura com o tradicional. Leitores assíduos dos filósofos franceses, defendiam em sua maioria, a perfectibilidade da espécie humana como complemento filosófico da reforma política. Acreditavam ainda, que os progressos na educação e a reestruturação formal da sociedade levariam a uma “Idade Dourada”.<sup>85</sup>

Durante os anos que Wollstonecraft participou desse meio, sua atividade intelectual foi febril e intensa. Aprendeu a disciplinar sua mente e seus sentimentos<sup>86</sup> mediante um novo culto, uma nova religião, que marcaria a segunda grande influência intelectual sobre sua vida e obra: o culto à razão, de procedência notadamente iluminista e liberal. Convertida em uma escritora profissional, Mary Wollstonecraft embarcou em uma série de traduções, entre as quais se destacaram *De l'importance des Opinions Religieuses*, de J. Necker, e a então muito famosa e comentada *Physiognomy*, de J. K. Lavater.

Também colaborou ativamente em uma das empresas editoriais e intelectuais mais representativas da cultura radical no período: a *Analytical Review*. Fundada em 1788 por Johnson e Christie, se tratava de uma revista mensal dedicada à difusão das “novas idéias” entre o público culto da classe média através, principalmente, de resenhas críticas de uma amplíssima variedade de obras. Miscelânea e eclética, em um estilo plenamente setecentista e ilustrado, aquela revista era um autêntico caleidoscópio onde se cruzava e discutia o variado mundo dos saberes e das artes que iam compondo a cultura burguesa. Trabalhando a pleno rendimento, Wollstonecraft chegou a publicar, ao longo de três anos, quase trezentas resenhas que incluíam novelas, obras de teatro, ensaios sobre educação, tratados políticos e religiosos, entre outros. Essa atividade intensa lhe proporcionou a independência pessoal que sempre buscara e a possibilidade de ampliar e completar sua educação.

Para BURDIEL, essa febril atividade de escritora transformou Wollstonecraft em uma escritora profissional, segura de si mesma, versátil, com um tom próprio e com uma capacidade dificilmente alcançada por outra pensadora de sua época, de conseguir fazer-se respeitada em um

---

equilíbrio de poderes então único no mundo; um sistema eleitoral corrupto e mais que restritivo, onde a voz do povo não se fazia ouvir e o fato dos proletários, geralmente tão oprimidos, não conseguirem deixar de se sobressaltar ao ver os proletários franceses dobrarem o orgulho dos nobres, derrubarem a Bastilha e exigirem seus direitos. (VINCENT, B. *Thomas Paine/ O revolucionário da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. p. 151-153).

<sup>85</sup> TOMALIN, op. cit., p. 101.

<sup>86</sup> Wollstonecraft era bastante conhecida por sua passionalidade.

campo bastante competitivo.<sup>87</sup> Ainda assim, num primeiro momento, a produção intelectual de Wollstonecraft se manteve no campo feminino dos tratados de educação para moças e crianças. O ano 1789, entretanto, marcaria uma reorientação vital na obra de Mary Wollstonecraft.

Foi o ano da Revolução Francesa. Para os radicais londrinos tal acontecimento constituiu o anúncio de uma nova era, o começo de uma humanidade mais livre, mais ilustrada e mais racional. As promessas trazidas pela Revolução afetaram a produção de vários radicais como Willian Godwin, Tom Paine, Willian Blake, entre outros. Wollstonecraft não foi uma exceção. Segundo BURDIEL, a revolução em França e os debates que suscitou no círculo de Johnson a fizeram revisar os prejuízos de seus primeiros anos, minando definitivamente seu respeito pela ordem estabelecida.<sup>88</sup>

O impacto e o entusiasmo daquela nova promessa foi tal que levou Wollstonecraft a abandonar o campo doméstico e feminino das obras sobre educação e adentrar de forma veemente no duro debate político de sua época. Um debate e um espaço, masculinos por definição, que a converteram da noite para o dia em uma mulher famosa e reconhecida. A obra que marcou essa mudança tão significativa e importante foi *Vindication of the Rights of Men* (Reivindicação dos Direitos do Homem).

BURDIEL coloca que para se compreender plenamente o impacto que esse livro desordenado e apaixonado produziu em sua época, é necessário ter em conta não só a inédita e muito comentada incursão de uma mulher na política, mas também o tom e o caráter do debate em torno do qual foi escrito e publicado. Vimos anteriormente que a Revolução Francesa avivou as discussões revolucionárias na Inglaterra. Na realidade, o que se observa é que tal debate toma forma de uma disputa entre whigs, tories e radicais em torno do legado da Revolução Gloriosa de 1688.<sup>89</sup>

A querela começa em 1789, com o sermão do pastor dissidente, amigo e protetor de Mary, Richard Price. No intitulado *Discurso sobre o amor à pátria*, Price defende a tese de que a “revolução gloriosa” era um projeto inacabado, sua herança e espírito haviam sido sublimados pela permanência dos poderes hereditários, e pela intolerância da Igreja da Inglaterra. Reivindica, nesse sentido que, inspirando-se na insurreição francesa, “o inglês nascido livre” recuperasse o impulso

---

<sup>87</sup> BURDIEL, op. cit, p. 41

<sup>88</sup> Ibid., p. 42.

<sup>89</sup> Ibid., p. 43.

radical de 1688 e lutasse pelo império da lei, da razão e da plena liberdade religiosa, civil e política.<sup>90</sup>

Em resposta, Edmund Burke, whig de idéias conservadoras, escreve o famoso discurso *Reflexões sobre a Revolução Francesa*, publicado em 1790. Neste Burke toma uma posição diametralmente oposta a Price e faz-se defensor ardoroso da Revolução de 1688, defendendo as tradições e os direitos herdados.<sup>91</sup>

As respostas a Burke não tardaram a aparecer, entre as mais autorizadas podemos destacar *Os direitos do homem* (livro que traz os principais ideários do radicalismo inglês), de Thomas Paine<sup>92</sup>, e *Investigação sobre a Justiça Política*, de Willian Godwin<sup>93</sup>.

A obra de Wollstonecraft, *Vindication of the Rights of Men* de 1790 foi, sem dúvida a primeira resposta. Nesta obra ela aparece como uma representante genuína do valor do esforço pessoal frente aos privilégios herdados, ligados à classe média ascendente em sua versão mais radical. Para BURDIEL, no entanto, o que a diferenciava dos radicais de sua época, era sua capacidade de começar a vislumbrar que o “assalto” à tradição não seria completo enquanto não se ousasse questionar a “naturalidade” da tradicional posição de subordinação das mulheres. Wollstonecraft começava a perceber a prática ideológica de sua sociedade e dela mesma como profundamente atravessada por diferenças de gênero. Naquele momento, sua crítica à situação das mulheres era uma crítica de caráter individualista cujo peso recaía sobre as próprias mulheres que, desde que alcançara sua nova superioridade intelectual, responsabilizava (individualmente) por manterem adormecida sua razão.<sup>94</sup> A discussão do caráter social do problema, ou seja, a idéia de que a situação da mulher não se devia a uma escolha individual, mas sim coletiva, que se devia em grande parte às diferenças de gênero implícitas naquele contexto, Wollstonecraft exporia em sua próxima e mais importante obra: *Vindication of the Rights of the Woman*, publicada em 1792.

Ao produzir *Vindication*, Wollstonecraft foi certamente influenciada pelas promessas trazidas pela Revolução Francesa. Esta representava, prática e simbolicamente, a possibilidade de

---

<sup>90</sup> VINCENT, op. cit., p. 154.

<sup>91</sup> Ibid., p. 161.

<sup>92</sup> Thomas Paine (1737-1809) foi um dos personagens mais célebres do final do século XVIII. Amigo de Washington, Franklin, Jefferson, Lafayette, Danton, Condorcet, primeiro responsável pela diplomacia norte americana, banido da Inglaterra, deputado depois da Revolução Francesa, prisioneiro durante o Terror, Tom Paine é o grande teórico dos “direitos do homem” e um dos precursores da social democracia moderna. (Sobre a vida e obra de Paine ver VINCENT, B. *Thomas Paine: O Revolucionário da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989)

<sup>93</sup> Willian Godwin foi um importante filósofo radical, cujas obras alcançaram sucesso e reconhecimento ainda naquele contexto.

<sup>94</sup> BURDIEL, op. cit., p. 49.

uma mudança social radical, onde a igualdade de direitos reinaria absoluta. Mas que igualdade era essa onde só metade do gênero humano sairia beneficiado?<sup>95</sup> Certamente tal questionamento influenciou nossa autora, admitidamente radical e ilustrada. O ideário iluminista, por seu caráter abstrato, abria uma porta com relação à igualdade entre os sexos e seu necessário correlato social e político. Ou seja, a tradicional exclusão da grande maioria das mulheres da vida pública resultava muito mais evidente e questionável a partir do desenvolvimento de uma teoria política e de todo um pensamento filosófico que colocava no centro de sua reflexão o indivíduo, formalmente igual e livre das redes de hierarquia e dependência do Antigo Regime.

Podemos dizer dessa forma, que os contextos iluminista e revolucionário se mostravam propícios para a discussão sobre os direitos femininos. E realmente ela vai acontecer, tanto nos meios filosóficos, quanto nas assembléias revolucionárias.

Antes de Wollstonecraft, mulheres como Madame D'Epinay, Mary Astell, Lady Mary Montagu e Catharine Macaulay já haviam refletido sobre os direitos e a educação das mulheres. Também seus contemporâneos discutiram questões relacionadas a essa temática, como por exemplo Condorcet e Olimpe de Gouges, ambos participantes ativos da insurreição francesa.<sup>96</sup>

Para TOMALIN, parece plausível pensar que talvez Tom Paine tenha dado a Wollstonecraft, ainda que indiretamente, a idéia de escrever um livro sobre os direitos da mulher. Em Paris, onde ele passava boa parte de seu tempo, mantinha uma estreita amizade com Condorcet, e sem dúvida não lhe passou despercebido a veemente defesa que o filósofo fazia da igualdade de direitos educativos e civis para as mulheres. O tema estava no ar e reclamava uma defesa sem demoras na Inglaterra. Não valeria a pena Wollstonecraft escrever uma segunda *Vindication*, só que desta vez a favor das mulheres?<sup>97</sup>

*Vindication of the Rights of Woman* teve uma acolhida surpreendente boa, não só na Inglaterra como também no resto da Europa e Estados Unidos. Wollstonecraft estava no ápice de seu êxito como escritora: havia elaborado uma obra original e profundamente sentida. Trinta anos de inquietações destiladas em seis semanas de árduo trabalho.

Ao mesmo tempo que escrevia *Vindication of the Rights of Woman*, Wollstonecraft estava experimentando, no estritamente pessoal, as tensões que com tanta veemência havia descrito a

---

<sup>95</sup> Sobre a discussão dos direitos das mulheres na Revolução Francesa ver BADINTER, Elisabeth. "Prefácio". In: CONDORCET, PRUDHOMME, GUYOMAR... *Palavras de homens (1790-1793)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

<sup>96</sup> BANDINTER, op. cit., p. 07-09.

<sup>97</sup> TOMALIN, op. cit., p. 133.

respeito da educação sentimental das mulheres e de suas dificuldades para conciliar os critérios da razão, da virtude e do amor. A causa dessas inquietações era seu crescente interesse por um pintor de origem suíça, Henri Fuseli, que freqüentava o círculo de Johnson.

Fuseli, engenhoso e de modos excêntricos e provocadores, tinha uma cultura ampla e versátil e uma considerável capacidade para atrair a atenção sobre sua pessoa e suas, quase sempre heterodoxas, opiniões. Quando conheceu Wollstonecraft, tinha quarenta e sete anos e ela vinte e nove, mas com uma experiência praticamente nula em matéria amorosa e sexual. O que sabemos, de qualquer forma, é que Wollstonecraft estava experimentando, contra sua razão e sua vontade, uma paixão conflituosa pelo pintor. Segundo BURDIEL, o estado de nossa autora, se devia em parte ao estilo de vida sério e recatado em que havia vivido até o momento, aquele que as conveniências sociais impunham às mulheres solteiras. Provavelmente, afligida ao pensar que os melhores anos de sua vida estavam sendo gastos em uma desconfortável solidão, Wollstonecraft acabou se deixando atrair por Fuseli, apesar de suas convicções a respeito do domínio da razão sobre os sentimentos,<sup>98</sup> particularmente, daqueles que afligiam essencialmente o feminino. Segundo Wollstonecraft, por não serem levadas a exercitar seu entendimento, a maior parte das mulheres se transformava em seres sentimentais, controladas por suas paixões e sensações. Além disso, através de romances, músicas, poesias; também eram levadas a cultivar noções românticas do amor, ou seja, a achar que o objetivo principal de suas existências consistia em despertar a paixão “daquele que seria seu marido”. Ao nosso ver, estas restrições e ambigüidades próprias de Wollstonecraft no que diz respeito a algum tipo de envolvimento amoroso, e o fato de Fuseli ser um homem casado, certamente contribuíram para que o relacionamento entre os dois não se efetivasse.<sup>99</sup>

Para BURDIEL, esse “affair” nos possibilita vislumbrar um pouco das contradições que Wollstonecraft teve que enfrentar devido a suas escolhas pouco ortodoxas em relação ao ideal feminino vigente naquele período. Também nos permite compreender que suas idéias sobre os poderes que os “encantos femininos” (ligados a uma conveniente submissão e falta de desenvolvimento intelectual) proporcionavam às mulheres, e a conseqüente redução das mesmas a objetos sexuais, ou mesmo a fascinação que as mulheres assim “socializadas” podiam exercer sobre os libertinos; não eram somente o produto de um intelecto desencarnado que, como afirmava Wollstonecraft em *Vindication*, se propunha a discutir a questão feminina objetivamente. Eram

---

<sup>98</sup> BURDIEL, op. cit., p. 84.

<sup>99</sup> Sobre o relacionamento de Wollstonecraft e Fuseli ver TOMALIN, C. *Vida y Muerte de Mary Wollstonecraft*. Barcelona: Montesinos, 1993. p. 111-121.

reflexos da realidade, que devido a sua condição de mulher, Wollstonecraft vivenciara e, no seu caso particular, combatera ardentemente.<sup>100</sup>

Com o fim de sua relação com Fuseli, Wollstonecraft acabou por satisfazer um antigo desejo, o de visitar a França e descobrir por si mesma de que forma estava se desenvolvendo “o novo milênio”, afastando-se assim do objeto de seus atormentados sentimentos.

Na França, nossa autora ingressou no círculo de radicais estrangeiros, que assim como ela, buscavam vivenciar a Revolução de perto. Também conheceu grandes figuras da época e entabulou amizade com as damas girondinas, que foram as grandes defensoras pelos direitos femininos no período revolucionário.

Neste contexto escreveu *A Historical and Moral View of the Origin and Progress of the French Revolution and the Effect it has Produced in Europe*, publicado por Johnson em 1794. Em tal obra, Wollstonecraft procurou relatar suas experiências no período. Esta pode ser definida, entretanto, mais como um ensaio bibliográfico sobre as origens do fenômeno revolucionário.

Nos círculos radicais que freqüentava, Wollstonecraft conheceu o americano Gilbert Imlay, antigo oficial do exército que lutou contra os ingleses pela independência das colônias americanas, suposto autor de uma novela intitulada *The Emigrant*. Segundo BURDIEL, no ambiente muito mais relaxado sexualmente da França revolucionária, a Wollstonecraft ingênua e de rígida moral parece que começou a encarar emocional e intelectualmente “negociáveis” os imperativos da razão e do sentimento.<sup>101</sup> O certo é que, abertamente, se transformou na amante daquele americano e com ele teve uma filha.<sup>102</sup>

Depois de um algum tempo de relacionamento até certo ponto estável, Imlay acabou por abandonar Wollstonecraft e a filha. Diante dessa situação, Wollstonecraft teve que enfrentar um difícil momento, principalmente, para uma mulher como ela, que fizera as escolhas que fizera. Nos referimos, nesse sentido, às contradições intelectuais e emocionais que Wollstonecraft se viu obrigada a enfrentar ao mesmo tempo. É plausível dizer que o abandono de Imlay auxiliou para arrefecer a paixão que ela sentia por ele. Isso, certamente a levou a questionar a preeminência dos

---

<sup>100</sup> BURDIEL, op. cit., p. 86.

<sup>101</sup> Neste período Wollstonecraft escreveu uma das suas mais belas obras: *Letters Written during a Short Residence in Sweden, Norway and Denmark* (1796). Esta obra marca uma importante mudança no seu pensamento. Tais cartas são uma espécie de réplica às passagens mais moralistas e racionais de *Vindication* e, ao mesmo tempo, são também antíteses do sentimentalismo entendido como abnegação e sofrimento de sua primeira novela *Mary*. Pela primeira vez em sua obra parece que chegou a uma reconciliação possível entre “razão e sentimento” ou ao menos, na aceitação do último como parte integrante, ou atuante, das verdades sobre as quais sempre quis indagar, experimentar e conhecer. (BURDIEL, 2000, p. 90)

<sup>102</sup> BURDIEL, op. cit., p. 89.

sentimentos sobre a razão. Ou seja, ela que sempre criticara as mulheres que colocavam as satisfações das paixões acima de tudo, agora se encontrava no mesmo estado, a mercê do amor passionai, como que impossibilitada de fazer uso de sua razão. Além disso, também estava vivenciando a experiência materna e, sem dúvida, percebendo quão difícil era conciliar as atividades intelectuais às de mãe. Podemos dizer, nesse sentido, que muitas das idéias que Wollstonecraft fora amadurecendo desde a adolescência, em relação às possibilidades de “ser mulher”, pareciam abstratas e inadequadas quando confrontadas à realidade que vivia.

Virginia Wollf, no início do século XX, ao falar das mulheres escritoras conseguiu delinear com maestria as dificuldades, ambigüidades e tensões que as mulheres que aspiravam à criação intelectual tinham que enfrentar. Ela lembrava, nesse sentido, que a criação exige concentração, paz, sossego. Exigências difíceis de serem satisfeitas pelas mulheres, destinadas a cuidar de filhos que choram e exigem atenção constante. Além da paz, segundo Wollf, também é necessária independência econômica, para as necessidades básicas não atrapalharem a “criatividade”, para se ter autonomia na hora de se fazer escolhas. Wollf também coloca que as mulheres escritoras viviam num conflito constante, debatendo-se entre suas aspirações e o que a sociedade esperava delas. Sofriam, ainda, toda sorte de desestímulos. Sempre vistas como dependentes e incapazes, as mulheres eram levadas a não acreditarem na suas potencialidades. Podemos dizer, dessa forma, que ao produzir, as mulheres tinham que travar uma luta consigo mesmas e com a sociedade, um tipo de ação que muitas vezes as levava ao desespero. Ao discorrer sobre as mulheres talentosas do século XVI, Wollf afirma:

A mulher, portanto, que nascesse com a veia poética no século XVI era uma infeliz, uma mulher em conflito consigo mesma. Todas as condições de sua vida e todos os seus próprios instintos conflitavam com a disposição de ânimo necessária para libertar tudo o que há no cérebro. (...) qualquer mulher nascida com um grande talento no século XVI teria certamente enlouquecido, ter-se-ia matado com um tiro, ou terminado seus dias em algum chalé isolado, fora da cidade, meio bruxa, meio feiticeira, temida e ridiculariza.<sup>103</sup>

Wollstonecraft experimentou todas estas tensões colocadas por Wollf, mas no período em questão elas chegaram a tal ponto que a fizeram buscar o suicídio. Ao se jogar no rio Tamisa, nesse intuito, Wollstonecraft teve seus planos frustrados, pois foi salva por dois pescadores. Depois desse

---

<sup>103</sup> WOLLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 65-67.



episódio lamentável, entretanto, como sempre sua grande força de vontade a ajudou a superar e continuar.

Recuperada de sua tentativa de suicídio e de seu amor por Imlay, travou uma profunda amizade com o então famoso Willian Godwin, que logo se transformou em amor. Como resultado, Wollstonecraft engravidou novamente. Os dois filósofos, apesar de se colocarem contra o matrimônio publicamente, acabaram se casando. Não tiveram tempo de arrepender-se de fazê-lo. Quatro meses depois do casamento, no ano de 1797, Wollstonecraft morria da mais feminina das mortes, ou seja, devido a complicações no parto. Devido a sua morte, Wollstonecraft não conseguiu vivenciar por muito tempo seu ideal de matrimônio, que ironicamente alcançara com Godwin, baseado na amizade e no companheirismo.

O fruto da união destes dois indivíduos tão incomuns foi Mary Shelley, a criadora de uma das figuras mais perturbadoras da mitologia contemporânea, Frankenstein.

## 4 REIVINDICAÇÃO PELOS DIREITOS FEMININOS

A pretensão de Wollstonecraft ao compor *Vindication of the Rights of Woman*, era introduzir no debate revolucionário<sup>104</sup> a discussão dos direitos femininos, a partir da invocação dos princípios de liberdade e igualdade. *Vindication* não pode ser definido, entretanto, simplesmente como uma petição de direitos jurídico-políticos para as mulheres.

O intuito de Wollstonecraft era abordar o que ela chamava de “o destino da mulher” a partir de uma perspectiva bem mais ampla que a exclusivamente política. Sua principal preocupação era discutir a questão da formação da identidade feminina, centrando sua argumentação na dimensão cultural da opressão das mulheres. Para ela, a “inferioridade feminina”, pregada majoritariamente entre os iluministas, era fruto da situação social das mulheres e não uma característica inerente às mesmas. Wollstonecraft não concebia a desigualdade ou a hierarquia naturais entre os sexos. Para ela, ambos apresentavam as mesmas potencialidades, pois compartilhavam o *dom* da razão:

E qué consiste la preeminencia del hombre sobre la creación animal? (...) en la Razón.  
Qué dotes exaltan a um ser sobre outro? La virtud, replicamos com espontaneidade (...)  
En consecuencia, la perfección de nuestra naturaleza y la capacidad de felicidad deben estimarse por el grado de razón, virtud y conocimiento que distinguen al individuo y dirigen las leyes que obligan a la sociedad. Y resulta igualmente innegable que del ejercicio de la razón manan naturalmente el conocimiento y la virtud, *si se considera al género humano en su conjunto*.<sup>105</sup>

Observamos que Wollstonecraft estava profundamente imbuída pelo ideário iluminista, pois acreditava tanto na imutabilidade da razão, quanto na sua capacidade de aperfeiçoar a espécie humana. Sendo a razão inerente a todos os seres humanos, todos teriam a capacidade de se esclarecer, de se melhorar. O que os diferenciava, nesse sentido, era o quanto se aperfeiçoavam, o quanto alcançavam de virtude em relação aos outros.<sup>106</sup> Quaisquer distinções estabelecidas, alheias ao exercício da razão, seriam irracionais e ilegítimas. Partindo desse pressuposto, Wollstonecraft

---

<sup>104</sup> Wollstonecraft destina formalmente sua obra a Charles Maurice de Talleyrand-Périgord (1754-1838); ex-bispo de Autun e político ativo durante a Revolução Francesa cujo *Rapport sur L'Instruction Publique* (1791) foi apresentado e discutido na Assembléia Constituinte. (SLEDZIEWSKI, Élisabeth G. “Revolução Francesa. A Viragem” In: DUBY, G. *História das Mulheres: O século XIX*. São Paulo: Afrontamento, 1991. p. 48-49).

<sup>105</sup> WOLLSTONECRAFT, Mary. *Vindicación de los Derechos de la Mujer*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2000. p. 115-116.

<sup>106</sup> Era majoritária entre os iluministas a idéia de que a natureza humana não era boa naturalmente, que se moldava através do exercício da razão.(VOVELLE, 1997, p. 8-9) Wollstonecraft era adepta desse ideal, afirmava ela: “*todo ser puede hacerse virtuoso mediante el ejercicio de su propia razón*”. (WOLLSTONECRAFT, op. cit., p. 131).

crítica o estabelecimento arbitrário de uma série de “distinções inaturais” que, ao seu juízo corrompiam o gênero humano em seu conjunto.

Las absurdas distinciones de rango (...) corrompen casi por igual a las gentes de todas as las clases, porque no se liga a respetabilidad al cumplimiento de las obligaciones pertinentes de la vida, sino a la posición, y cuando éstas no son satisfechas, los afectos no pueden alcanzar un vigor suficiente para fortalecer la virtud de la que son recompensa natural.<sup>107</sup>

Segundo Wollstonecraft, os privilégios e hierarquias tradicionais, baseados em argumentos alheios ao mérito pessoal e ao talento levavam, inevitavelmente, à corrupção das partes implicadas. Defensora dos ideais burgueses e radicais, Wollstonecraft acreditava que o fortalecimento da mente e do caráter passava, necessariamente, pelo esforço individual, característico daqueles cuja grandeza derivava do exercício de suas próprias faculdades, não subjugadas à opinião, mas sim produto de sua original força de vontade. Por isso sua crença de que era nas classes médias onde se encontrava a maior parte da virtude e da felicidade e o seu despreço pelo modo de vida aristocrático.

(...) las semillas del falso refinamiento, la inmoralidad y la vanidad siempre han sido sembradas por los nobles. Seres débiles e artificiales, situados sobre os deseos y afectos comunes de su raza de modo prematuro e innatural, minan los cimientos mismos de la virtud y desparraman corrupción por la sociedad en su conjunto. Como clase de la humanidad, tienen el mayor derecho a la piedad; la educación de los ricos tiende a volverlos vanos e desvalidos; y el desarrollo de la mente no se fortalece mediante la práctica de aquellos deberes que dignifican el carácter humano.<sup>108</sup>

Rousseauiana convicta nesse ponto, Wollstonecraft encara os costumes aristocráticos, que prezam acima de tudo as honrarias, a reputação e a aprovação frente à opinião alheia, como alienantes, próprios de indivíduos reduzidos a não ser mais que uma máscara sem profundidade. Sempre fora de si, só sabiam viver baseando-se na opinião dos outros. Essas convenções abusivas, típicas da sociedade do Antigo Regime, limitavam e deformavam as relações sociais. Nestas, os indivíduos não eram julgados pelo quanto se esforçavam para melhorarem, esclarecerem, mas sim pela posição que ocupavam, pelo que aparentavam.

A desigualdade que interessava a Wollstonecraft discutir, entretanto, era aquela que apesar de ser tão artificial quanto os privilégios e hierarquias tradicionais, era vista, inclusive entre os iluministas, como natural e legítima, ou seja, a desigualdade entre os sexos.

---

<sup>107</sup> WOLLSTONECRAFT, op. cit, p. 317.

<sup>108</sup> Ibid., p. 101-102.

Segunda nossa autora, essa distinção arbitrária era tão prejudicial para a sociedade, quanto aquelas identificadas e criticadas pelo racionalismo ilustrado. Para Wollstonecraft, as mulheres de sua época não se encontravam em seu estado natural, e sim tão corrompidas quanto os nobres, pois assim como eles, viviam sob relações e convenções corruptas, alheias ao exercício da razão e ao desenvolvimento da virtude.

(...) las mujeres en general, al igual que los ricos de ambos sexos, han adquirido todos los vicios e insensateces de la civilización y han desechado sus frutos provechosos.  
(...) las mujeres civilizadas están tan debilitadas pelo falso refinamiento, que respecto a la moral de su condición es muy inferior a la que tendrían si se las hubiera dejado en un estado más cercano a la naturaleza.<sup>109</sup>

Wollstonecraft explica ainda, que não eram somente as mulheres que estavam sendo prejudicadas por essa distinção artificial, mas o gênero humano em seu conjunto. Partindo dessa premissa, argumenta que na defesa do mérito individual frente aos privilégios herdados, era crucial que a distinção entre a verdadeira virtude e sua aparência afetasse também as mulheres, para que elas pudessem favorecer, em vez de frear, o progresso da humanidade.

Es tiempo de efectuar una revolución en los modales de las mujeres, tiempo de devolverles su dignidad perdida y hacerlas trabajar, como parte da especie humana, para reformar el mundo, mediante su propio cambio.<sup>110</sup>

Podemos afirmar dessa forma, que diferente da maioria dos iluministas, Wollstonecraft não concebia a possibilidade de âmbitos separados ou alheios no exercício da razão e no desenvolvimento da virtude. Ela negava que a razão e a virtude pudessem ser diferentes para as distintas categorias de pessoas. Ao seu ver, a humanidade só poderia alcançar o ideal de perfeição que prometia o ideário ilustrado se suas grandes verdades fossem autenticamente universais. Segundo BURDIEL, virtude e razão não teriam, para Wollstonecraft, nem gênero nem classe, e se

---

<sup>109</sup> WOLLSTONECRAFT, op. cit., p 189-190. Não podemos deixar de frisar a importância que as idéias de Rousseau sobre o “bom selvagem” (homem em estado natural) que “vive em si mesmo” e o “homem artificial” (homem civilizado), reduzido pela degradação social a não ser mais que um parecer; tiveram sobre o processo de “desvelamento” de Mary em relação ao estereótipo da “mulher decente”. Estas ajudaram a diferenciar entre o “ser” e o “parecer”, entre a verdade e o engano, entre a virtude e a aparência de virtude.(BURDIEL, 2000, p. 71).

<sup>110</sup> Wollstonecraft, op. cit., p. 166.

os concebia “artificialmente”, convertiam a vontade universalista do projeto iluminista em uma “moralidade parcial”.<sup>111</sup>

Ao encarar as mulheres como seres humanos racionais, capazes de se aperfeiçoarem através do exercício da razão, Wollstonecraft não poderia deixar de pensar numa questão fundamental nesse processo, a da educação.

Para hacer al género humano más virtuoso y, por supuesto, feliz, ambos sexos deben actuar desde los mismos principios (...) Para hacer también realmente justo o pacto social, y para extender los principios ilustrados (...) debe permitirse que las mujeres fundamenten su virtud en el conocimiento, lo que apenas es posible si no se las educa mediante las mismas actividades que a los hombres.<sup>112</sup>

O problema da educação, do conhecimento, adquire assim sua conotação mais radical: implicava uma drástica revisão das convenções sociais, de maneira que as virtudes que o pensamento iluminista atribuía às mulheres pudessem ser submetidas à análise, definidas e praticadas, de acordo com sua verdadeira natureza e a margem da “aparência das coisas”. Tratava-se nesse sentido, de questionar a “naturalidade” da definição social das mulheres e, a partir desse ponto de vista, desenvolver toda uma argumentação que vinha de encontro ao verdadeiro objeto de reflexão da obra: o caráter artificial, social e culturalmente construído, das diferenças de valor e função entre os sexos.<sup>113</sup>

#### **4.1 AS MULHERES NÃO SE ENCONTRAM EM SEU “ESTADO NATURAL”**

Como colocado anteriormente, Wollstonecraft não concebia a desigualdade e a hierarquia entre os sexos como naturais, mas sim tão artificiais quanto os privilégios herdados e as hierarquias tradicionais. Seriam, nesse sentido, igualmente prejudiciais à humanidade, particularmente às mulheres, transformadas em seres artificiais, débeis, mestras na arte das aparências e dos enganos.

---

<sup>111</sup> BURDIEL, op. cit., p. 58.

<sup>112</sup> WOLLSTONECRAFT, op. cit., p. 356 e 363.

<sup>113</sup> Essa reflexão, segundo BURDIEL, uniu as teorias sobre educação da tradição dissidente, o credo radical e ilustrado e, também (a partir de uma complexa e combativa leitura) a preocupação rousseaunina pela integridade pessoal frente às convenções sociais. (BURDIEL, op. cit. p. 60).

Wollstonecraft atribuía esse estado “social” do feminino, essencialmente a dois fatores: a situação de extrema dependência em que as mulheres se encontravam e a educação que as mesmas recebiam<sup>114</sup>, ambos resultantes da distinção (artificial) de tratamento dispensado aos dois sexos.

Segundo Wollstonecraft, desde a infância, as mulheres eram tratadas como seres frágeis e dependentes, levadas a acreditar que não podiam sobreviver sem a proteção e a supervisão dos homens. Quando pequenas, cabia ao pai ou, na falta deste, a algum outro parente do sexo masculino guiá-las e mantê-las. Ao crescerem eram levadas a buscar a proteção masculina através do matrimônio. Às mulheres “*siempre se enseñã a buscar um hombre que las mantenga*”, afirma Wollstonecraft.<sup>115</sup> Sua educação deveria primar, nesse sentido, por aprender a atrair, obedecer e agradar aos indivíduos do sexo masculino.

Desde su infancia se les dice a las mujeres, y lo aprenden del ejemplo de sus madres, que un pequeño conocimiento de la debilidad humana, denominado justamente astucia, un genio suave, obediencia externa y una atención escrupulosa a una especie de decoro pueril les obtendrá la protección del hombre; si hermosas, no se necesita nada más (...) <sup>116</sup>

Esse tipo de educação, ao levar as mulheres a se preocuparem somente com sua conduta e aparência externa, moldando sua existência aos desejos masculinos, ao invés de exercerem seu próprio entendimento, as fazia desenvolver virtudes artificiais:

(...) en la educación de las mujeres, el cultivo del entendimiento siempre se subordina a la adquisición de ciertas dotes corporales.  
(...) se recomiendan sin cejar la dulzura, la docilidad y el afecto servil como las virtudes fundamentales del sexo,  
(...) de ellas sólo se esperan virtudes negativas, cuando se espera alguna: paciencia, docilidad, buen humor y flexibilidad, virtudes incompatibles con todo esfuerzo vigoroso do intelecto. <sup>117</sup>

Educadas para se preocuparem somente com o julgamento dos homens, davam maior importância à opinião destes, à conduta social, que àquela realmente importante para Wollstonecraft, a conduta moral. A mulher, diz ela, tem “*confundido virtud con reputación*”.<sup>118</sup>

---

<sup>114</sup> Wollstonecraft era influenciada pelo empirismo de Locke, que defendia a influência do meio sobre a formação do indivíduo. Segundo BURDIEL, os trabalhos sobre educação desse pensador, são fundamentais para compreender as idéias de Wollstonecraft. (WOLLSTONECRAFT, 2000, p. 334.)

<sup>115</sup> WOLLSTONECRAFT, op. cit., p. 206.

<sup>116</sup> Ibid., p. 128.

<sup>117</sup> Ibid., p. 133,148 e186 respectivamente.

Es el ojo del hombre lo que se les ha enseñado a temer (...) y ésta (a reputação), y no la castidad, con toda su bella comitiva, lo que emplean para mantener-se libres de mancha, no como una virtud, sino para conservar su posición en el mundo.<sup>119</sup>

Como frisado anteriormente, Wollstonecraft acreditava que era inerente a todos os seres humanos o *dom* da razão e, conseqüentemente a capacidade de se aperfeiçoar. Ao seu ver, vinham ao mundo para se melhorar, através do exercício da razão e do controle das paixões. As mulheres, segundo ela, além de não serem julgadas por suas verdadeiras virtudes, mas sim por quanto se moldavam às imposições masculinas, vinham sendo impedidas de as desenvolverem, levadas a se preocuparem somente com sua existência presente. Diante disso, ela questiona a posição da mulher naquele contexto: “*Puede creer que sólo se la creó para someterse al hombre, su igual, un ser que, como ella, fue enviado al mundo para adquirir virtud?*”<sup>120</sup>

Wollstonecraft coloca ainda, que ao não se permitir às mulheres desenvolver suas verdadeiras virtudes, estas se transformam em seres viciosos, dominadas por suas paixões, ao seu juízo, corrompidas tanto quanto os nobres: a falta de entendimento leva “*ambos a volar de si mismos a los placeres escandalosos y las pasiones artificiales, hasta que a vanidad ocupa el lugar de todo afecto social y resulta difícil distinguir las características de la humanidad.*”<sup>121</sup>

Além disso, através de romances, músicas, poesias; também eram levadas a cultivar noções românticas do amor, ou seja, a achar que o objetivo principal de suas existências consistia em despertar a paixão “daquele que seria seu marido”.

Las novelas, la música, la poesía, el galanteo, todo tiende a hacer de las mujeres criaturas de sensaciones y su carácter se forma con el molde de la insensatez durante el tiempo en que adquieren las dotes, el único perfeccionamiento que su posición en la sociedad las estimula a conseguir. Esta sensibilidad sobredimensionada debilita de modo natural los otros poderes de la mente e impide que el intelecto adquiera la soberanía necesaria para hacer una criatura racional sea de provecho para las otras y se contente con su propia posición, porque la ejercitación del entendimiento, según avanza la vida, es el único método señalado por la naturaleza para calmar las pasiones.

Las mujeres, sujetas por la ignorancia a sus sensaciones y al haber aprendido a buscar la felicidad en el amor, pulen sus sentimientos sensuales y adquieren nociones metafísicas sobre la pasión, que las

---

<sup>118</sup> WOLLSTONECRAFT, op. cit., p. 299.

<sup>119</sup> Ibid., p. 298.

<sup>120</sup> WOLLSTONECRAFT, op. cit., p. 200.

<sup>121</sup> Ibid., p. 174.

llevan a descuidar vergonzosamente las obligaciones de la vida, y con frecuencia, en medio de estos sublimes refinamientos, se dejan caer en el vicio real.<sup>122</sup>

Buscando mostrar quão degradante era o estado em que se encontrava o feminino e o quanto o mesmo era prejudicial para a humanidade, Wollstonecraft questiona:

Las mujeres pasivas e indolentes son las mejores esposas? Las mujeres que al obtener unas cuantas dotes superficiales han contribuido a fortalecer los prejuicios prevalecientes, contribuyen a la felicidad de sus maridos simplemente? Exhiben sus encantos sólo para entretenerlos? Y posee suficiente carácter para ocuparse de una familia o educar a sus hijos la mujer que desde muy pronto ha asimilado nociones de obediencia pasiva?<sup>123</sup>

Para a autora, até mesmo as funções colocadas como essencialmente femininas, de esposa e mãe, eram afetadas pelo estado vicioso em que se encontravam as mulheres:

(...) la mente, debilitada de forma natural al depender de la autoridad, nunca ejercita sus poderes propios y, de este modo, la esposa obediente se vuelve una madre débil e indolente.

La atención sexual del hombre actúa de modo particular sobre a sensibilidad femenina, y este sentimiento se ha ejercitado desde su juventud en adelante. Un marido no puede prestarle ya atención con la pasión necesaria para excitar vivas emociones y el corazón, acostumbrado a ellas, se vuelve hacia un nuevo amante o languidece en secreto, víctima da la virtud o la prudencia.

<sup>124</sup>

Mas por que as mulheres se submetiam a essas imposições sociais “degradantes”? Segundo a autora, a situação social em que as mesmas se encontravam quase não lhes possibilitava outras escolhas. Educadas exclusivamente para o matrimônio, negado-lhes os direitos profissionais, civis e políticos, não lhes restava outra possibilidade, a não ser viver sob o julgo masculino. Segundo Wollstonecraft “*fuerzan a todas las mujeres, al negarles los derechos políticos y civiles, a permanecer confinadas en sus familias*”.<sup>125</sup>

Essa situação levava as mulheres a buscar o casamento acima de tudo, pois este se configurava enquanto uma das suas únicas chances de respeitabilidade social ou mesmo de mera sobrevivência. Corrompidas por sua situação social, sem outra escolha a não ser viver sob a “dependência masculina”, as mulheres:

---

<sup>122</sup> Ibid., p. 191- 378 respectivamente.

<sup>123</sup> Ibid., p. 149-150.

<sup>124</sup> WOLLSTONECRAFT, op. cit., p. 207-196 respectivamente.

<sup>125</sup> Ibid., p. 110.



(...) para encumbrarse en el mundo y tener libertad de correr de un placer a otro deben casarse con ventaja y a este objeto sacrifican su tiempo y a menudo prostituyen sus personas legalmente.  
(...) se casan simplemente para mejorar<sup>126</sup>

No melhor dos casos não lhes restava outra alternativa que tentar exercer formas ilícitas de poder, que corrompiam por igual a dominadores e dominados. Ou seja, as mulheres utilizavam-se do poder que tinham sobre os sentidos dos homens e a habilidade de dissimular adquirida pela necessidade que tinham de moldar sua conduta incessantemente aos desejos masculinos, para conseguir o que queriam, exercendo poder ilicitamente. Segundo Wollstonecraft: “(...) *si no se permite a las mujeres disfrutar de derechos legítimos, volverán viciosos a los hombres y a si mismas para obtener privilegios ilícitos*”.<sup>127</sup> Ela procurava mostrar que as convenções sociais que impediam às mulheres o “exercício ativo da virtude” as transformavam, na verdade, em “seres envilecidos”, mestras na arte das aparências e no cultivo dos enganos.

Observamos assim, que para Wollstonecraft o estado vicioso em que se encontrava o feminino era explicado, particularmente, pela situação de extrema dependência em que se encontravam as mulheres e o tipo de educação que vinham recebendo. Ao criticar a última, a autora destinou especial atenção aos livros de conduta escritos para o feminino:

Atribuyo una de las causas de este florecimiento estéril (das mulheres) a un sistema de educación falso, organizado mediante los libros que sobre el tema han escrito hombres que, al considerar a las mujeres mas como tales que como criaturas humanas, se han mostrado más dispuestos a hacer de ellas damas seductoras que esposas afectuosas y madres racionales;<sup>128</sup>

Nesta tarefa, debruçou-se, particularmente, sobre um das mais influentes obras pedagógicas do período, o *Emílio* de Rousseau.<sup>129</sup> Rousseauiana impeninete em todos os aspectos, a admiração de Wollstonecraft não podia deixar de se transformar em decepção, ao perceber que até mesmo

---

<sup>126</sup> Ibid., p. 189-212.

<sup>127</sup> Ibid., p. 112.

<sup>128</sup> WOLLSTONECRAFT, op. cit., p. 100.

<sup>129</sup> Segundo BADINTER, no que diz respeito ao feminino, Rousseau era o grande triunfador no fim do século XVIII. A publicação do *Emílio*, em 1762, havia cristalizado a revolução das mentalidades, dando-lhe sua justificação filosófica. A aspiração à felicidade que maracá a segunda metade desse século buscava sua realização num novo modelo familiar, fechado para o exterior e centrado no amor conjugal e parental. Nesse momento, tudo dependia da mulher e da sua aptidão para bem representar os papéis que lhe eram destinados: esposa virtuosa e fiel, mãe até o sacrifício de si mesma, dona de casa consumada. Com essas três condições, a felicidade do homem e da sociedade estava consumada. Rousseau teve o gênio de mostrar que elas estavam inscritas na natureza dos sexos. (BADINTER, Elisabeth. *Palavras de homens (1790-1793)* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991. p. 19).

Rousseau, quando se tratava do “caráter e destino das mulheres”, era incapaz de distinguir entre realidade e representação, entre ser e parecer.

Como vimos no primeiro capítulo, Rousseau acreditava que as mulheres eram inferiores aos homens, tanto física, quanto intelectualmente. Necessitavam, por isso, ser guiadas e protegidas pelo sexo oposto, mais forte e capaz em todos os sentidos. Por necessitar muito mais dos homens que elas delas, as mulheres, instintivamente, procuravam agradar e atrair os homens. Por acreditar que nossas inclinações naturais são boas e corretas, Rousseau recomendava que tais características fossem desenvolvidas e cultivadas através de uma educação específica para o feminino. Podemos afirmar, dessa forma, que Rousseau encarava a dependência e inferioridade feminina como naturais. Um ponto de vista completamente contrário ao de Wollstonecraft, que não concebia a desigualdade e hierarquia naturais entre os sexos. Enquanto Rousseau defendia uma educação diferenciada, visando o desenvolvimento das virtudes próprias a cada sexo, Wollstonecraft não acreditava na existência de âmbitos separados ou alheios no exercício da razão e no desenvolvimento das virtudes. Essa visão antagônica levou nossa autora a desenvolver duras críticas às concepções de Rousseau sobre natureza e educação femininas.

Wollstonecraft centrou sua argumentação no “desvelamento” da lógica rousseauiana. Uma lógica que se apoiava na aceitação acrítica de uma convenção generalizada, ainda que oculta: a idéia da mulher como um ser essencial e, exclusivamente, sexual; ou seja, a consideração das mulheres mais como fêmeas do que como seres humanos.

Como observamos no primeiro capítulo, Rousseau afirma: “*O macho só é macho em certos momentos, a fêmea é fêmea durante toda a vida (...) tudo a leva sem cessar ao seu sexo*”.<sup>130</sup> Segundo BURDIEL, para este, a mulher permaneceria para sempre no reino da natureza, diferente do homem, que em algum momento (ainda que para seu mal) entrou no da “cultura”,<sup>131</sup> em relação a isto, Wollstonecraft coloca: “*Los hombres no lo son siempre cuando están en compañía de las mujeres, ni éstas recordarían siempre que lo son si se las permitiera adquirir mayor entendimiento*”.<sup>132</sup> E, com indignação continua:

Cuándo se enamoran los hombres de la inteligencia? Cuándo, con sus fuerzas y ventajas superiores, se vuelven de la persona a la mente? Y, entonces, cómo pueden esperar que las mujeres, a las que

---

<sup>130</sup> ROUSSEAU, op. cit., p. 428.

<sup>131</sup> BURDIEL, op. cit., p. 74.

<sup>132</sup> WOLLSTONECRAFT, op. cit., p. 180.

sólo se les enseña a observar una conducta y adquirir modales en vez de moralidad, desprecien lo que han estado toda su vida esforzándose por obtener?<sup>133</sup>

Observamos que Wollstonecraft buscava explicitar o problema da interiorização por parte das mulheres daquilo que constituía a fonte de toda sua servidão: sua incapacidade para considerar-se algo mais que ser o objeto do desejo masculino. Ao confundir virtude com reputação, e no caminho, seus desejos com os desejos do outro, as mulheres, educadas como Sofia, seriam incapazes de distinguir-se, de “ser-para-si”, caindo literalmente em um “jogo de espelhos”: dependentes de sua beleza e de seus encantos simulariam inocência e castidade buscando o afeto dos homens e, quando, comesçassem a perder tais “qualidades”, se perderiam em si mesmas na medida em que sobre estas, e só sobre estas, teriam construído sua identidade.<sup>134</sup>

Em relação às idéias de Rousseau sobre uma educação que levasse a mulher a cultivar o recato, a beleza, a debilidade e a astúcia, ou seja, àquelas qualidades próprias para atrair e “prender” os homens, Wollstonecraft contesta:

(...) solo se trata da educación del cuerpo,  
(...) para hacerles débiles y lo que algunos pueden llamar bellas, se descuida el entendimiento  
(...) se educa a niñas para ocuparse de sus personas y regular la conducta exterior  
(...) he afirmado que en la educación de las mujeres estos principios fundamentales conducen a un sistema de astucia y lascivia.<sup>135</sup>

Para a autora, este tipo de instrução não satisfazia o objetivo primordial da educação dentro do pensamento ilustrado, que era moldar um ser humano ideal: racional, emancipado e, principalmente, autônomo no uso de sua razão. A educação feminina proposta por Rousseau encontrava-se muito longe de atingir tal ideário, pois se não se educava as mulheres para fazerem uso de seu próprio entendimento, ao contrário: “*al no concedérseles entendimiento, era conseqüente someterlas a una autoridad independiente de la razón*”,<sup>136</sup> ou seja, à tutela masculina, a serem guiadas pela razão dos homens.

Percebemos, dessa forma, que para Wollstonecraft não existia distinção natural entre as capacidades e funções dos homens e mulheres nem, por tanto, critérios naturais (ou divinos) de

---

<sup>133</sup> WOLLSTONECRAFT, op. cit., p. 274-275.

<sup>134</sup> BURDIEL, op. cit., p. 76.

<sup>135</sup> WOLLSTONECRAFT, op. cit., p. 217.

<sup>136</sup> Ibid., p.221.

subordinação das últimas aos primeiros. Naquele contexto, entretanto, a maioria das mulheres se encontravam subordinadas e, assim como o restante da sociedade, se sujeitavam a essa situação, encarando-a como natural.

Ao procurar explicar esse paradoxo, Wollstonecraft conseguiu avançar em dois argumentos decisivos. Por um lado, percebeu que as respostas individuais são, sobretudo e em primeiro lugar, respostas a situações sociais. Ou seja, o que transformaria as mulheres em “inferiores” e as levaria agir como tais, seria sua situação e não sua natureza. Por outro, que as atitudes e expectativas que perpetuavam a debilidade feminina, institucionalizadas por uma série de textos, de práticas e de valores sociais que utilizam uma linguagem insidiosamente naturalizada, alienavam as mulheres de sua verdadeira natureza e de seus verdadeiros interesses. O resultado era uma auto-representação artificial que as impediam distinguir, tanto nelas como na sociedade em seu conjunto, seus reais desejos e aspirações.

## 4.2 POR QUE REIVINDICAR UM NOVO LUGAR PARA O FEMININO?

Ao diagnosticar o estado vicioso em que se encontrava o feminino, Wollstonecraft reivindicou um novo lugar para as mulheres. O fez em nome do gênero humano, pensando no bem estar de toda a humanidade. Ao seu ver, se as mulheres fossem educadas de forma diferente, através do cultivo de seu próprio entendimento e do desenvolvimento de suas verdadeiras virtudes, seriam seres humanos melhores e, conseqüentemente, melhores mães, esposas e cidadãs:

Si los hombres rompieran con generosidad nuestras cadenas y se contentaran con la camaradería racional en lugar de la obediencia servil, hallarían en nosotras hijas más obsequiosas, hermanas más afectuosas, esposas más fieles y madre más juiciosas; en una palabra, mejores ciudadanas.<sup>137</sup>

Wollstonecraft exige para o feminino a mesma educação destinada ao sexo oposto, porque deseja que a mulher seja a companheira do homem e não sua mera subordinada. Segundo a autora, a mulher que *“ejercita su mente se convertirá en la amiga de su marido, en lugar de ser una humilde*

---

<sup>137</sup> WOLLSTONECRAFT, op. cit., p. 325.

*subordinada;(...) merece su estimación, no le parecerá necesario disimular su afecto o pretender una frialdad innatural para excitar las pasiones de su marido”.*<sup>138</sup>

Podemos dizer que para tal pensadora, essa mudança na educação feminina operaria uma profunda mudança no modelo de casamento vigente naquele contexto. A esposa não necessitaria mais fazer uso de expedientes ou artifícios para atrair e manter a atenção do marido, como recomendado por Rousseau. Sendo igual a ele, seria sua companheira, merecedora de sua estima e admiração. Não podemos deixar de frisar, nesse sentido, que Wollstonecraft atribuíria muito mais valor à estima e à amizade no matrimônio que à paixão ou amor. Os últimos, segundo ela, eram inconstantes e passageiros, resistindo pouco mais que ao início da vida a dois.

Conforme BURDIEL, essa negação da paixão, do amor e algumas passagens, inclusive do desejo sexual<sup>139</sup> se deveu em grande parte ao desejo de Wollstonecraft de desacreditar a idéia da mulher como mero objeto sexual. Tal autora coloca ainda, que o ideal de matrimônio de Wollstonecraft estava, provavelmente, amparado em algum manual para casais da tradição puritana.<sup>140</sup>

Não pudemos deixar de observar, entretanto, que o modelo de casamento idealizado por Wollstonecraft correspondia também ao ideal vigente entre alguns homens do final do século XVIII, membros do *Directório Francês*.<sup>141</sup> Segundo GODINEAU, para estes:

Os casamentos felizes são frutos da reflexão. O amor conjugal é um amor racional. A paixão, apenas tolerada no acto da génese, deve ser repelida até ser reduzida a um prazer passageiro, a uma sensação intensa que tudo destrói, ficando o remorso, se não se acompanhar da estima, das virtudes e da harmonia dos caracteres. E isto porque a paixão é efêmera e quando se apaga devem poder suceder-lhe a confiança e a amizade, verdadeiro cimento da união. O amor une o casal, mas é a amizade que o dirige.<sup>142</sup>

Como colocado anteriormente, para Wollstonecraft até mesmo a função materna estava sendo prejudicada pelo estado vicioso em que se encontrava o feminino. Segundo ela “*el cuidado de los hijos en su infancia es uno de los grandes deberes unidos al carácter femenino por la naturaleza*”. Utiliza tal dado para amparar sua reivindicação por uma nova educação para as mulheres: “*sólo quiero insistir en que si no se amplía el entendimiento de la mujer y se vuelve más firme su carácter,*

---

<sup>138</sup> Ibid., p. 142.

<sup>139</sup> Ibid., p. 144.

<sup>140</sup> BURDIEL, op. cit., 78-79.

<sup>141</sup> Não podemos nos esquecer da influência que a Revolução Francesa exerceu sobre Wollstonecraft.

<sup>142</sup> GODINEAU, op. cit., p. 319.

*nunca tendrá el suficiente juicio o el suficiente dominio de si misma para dirigir a sus hijos con propiedad*".<sup>143</sup>

Conforme BURDIEL, Wollstonecraft era também a favor que se educasse as mulheres para possuírem um ofício ou uma carreira<sup>144</sup>, ou seja, para serem independentes economicamente. Ao seu ver isso livraria as mulheres de inúmeros contratempos, reflexos da situação de extrema dependência em que se encontravam. Entre estes nossa autora assinala a difícil situação das mulheres que não conseguiam contrair matrimônio e que, sem ofício algum, tinham que depender da liberalidade de parentes. Também frisa a situação preocupante das viúvas que, acostumadas a depender dos esposos para tudo, não possuíam capacidade de manter a família satisfatoriamente depois da morte daqueles.<sup>145</sup>

Para Wollstonecraft, uma educação que preparasse as mulheres inclusive para serem independentes economicamente, livraria as mulheres solteiras do “*amargo pão da dependência*”<sup>146</sup> e possibilitaria às mães e viúvas organizar suas vidas e levar seus assuntos de maneira mais racional. Além disso, não necessitando mais se casar para sobreviver, não o fariam por interesse, tampouco achariam que o principal objetivo de sua existência era enfeitar suas pessoas para conseguir um marido para mantê-las. Segundo Wollstonecraft: “*podrían dedicar-se a tareas muy diferentes si se las educara de manera más ordenada, lo que salvaría a muchas de la prostitución común y de la legal*”.<sup>147</sup>

Observamos, assim, que ao reivindicar direitos ao sexo feminino, Wollstonecraft não se preocupou substancialmente com os aspectos jurídicos e políticos, centrando sua argumentação na questão da formação da identidade feminina. Nos parece, nesse sentido, que Wollstonecraft estava mais preocupada em mudar as próprias mulheres, o modo que viam a si mesmas; encarando esse tipo de transformação mais essencial, pelo menos num primeiro momento.

---

<sup>143</sup> WOLLSTONECRAFT, op. cit., p. 329.

<sup>144</sup> Ibid., p. 322.

<sup>145</sup> Ibid., p. 196-197.

<sup>146</sup> Ibid., p. 198.

<sup>147</sup> WOLLSTONECRAFT, op. cit., p. 322.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos ao longo da pesquisa que Wollstonecraft teve uma trajetória bastante singular em relação à maioria das mulheres de sua época. Num contexto em que as mulheres eram submetidas quase que exclusivamente ao espaço doméstico, consideradas como incapazes de qualquer tipo de reflexão ou atividade intelectual, ela teve uma participação ativa nos círculos radicais ingleses, alcançou um significativo reconhecimento como escritora e intelectual, além de vivenciar e opinar em acontecimentos políticos importantes como a Revolução Francesa.

O tema de nossa pesquisa era compreender qual foi o papel dessa importante pensadora dentro do Iluminismo (contexto de idéias em torno do qual produziu suas obras), através da análise de sua mais importante obra: *Vindication of the Rights of Woman*.

No intuito de recuperar o debate em torno do qual *Vindication* foi produzida nos debruçamos sobre a análise do movimento e pensamento ilustrado, particularmente sobre seus discursos sobre o feminino. Percebemos através do estudo de fontes e bibliografia secundária que os iluministas, em sua maioria, concebiam um lugar diferenciado para as mulheres, apesar de colocarem no centro de seu discurso a noção de sujeito universal e o princípio de igualdade. Podemos afirmar, nesse sentido, que ao se referir às mulheres estes se tornavam paradoxais, pois apesar de considerá-las como parte da espécie humana, afirmavam que eram inferiores, tanto física quanto intelectualmente, cabendo a elas viverem sob a autoridade masculina, idéia incompatível com um dos mais importantes ideários iluministas, o referente ao uso autônomo da razão.

Ao longo da investigação compreendemos, entretanto, que essas visões sobre o feminino não eram as únicas dentro do pensamento das Luzes. Pensadores como Condorcet, Helvétius e Wollstonecraft apresentavam concepções distintas, sendo a da última particularmente peculiar. Todos estes defenderam a igualdade entre os sexos, mas sob enfoques diferenciados. Nossa autora, por exemplo, não só defendeu essa causa, como criticou os estereótipos femininos vigentes naquele contexto, reivindicando um novo lugar às mulheres. Compreender como tal autora conseguiu formular discurso tão singular, exigiu que buscássemos compreender seu contexto e sua trajetória pessoal.

Ao analisarmos sua participação nos círculos radicais e dissidentes ingleses; as dificuldades que enfrentou por ser um indivíduo do sexo feminino naquele período e o contexto de renovação e mudanças sociais radicais que vivenciou, percebemos que em conjunto, esses aspectos lhe

possibilitaram discutir a questão feminina e desenvolver uma postura crítica em relação a um modelo social e cultural de “ser mulher” extremamente arraigado naquele contexto.

Essa trajetória individual singular possibilitou a Wollstonecraft criticar os discursos iluministas que encaravam o feminino como “naturalmente” dependente e inferior em relação ao masculino e evidenciar muitos paradoxos resultantes desse ponto de vista. Também a auxiliou a compreender que essa “inferioridade” atribuída ao feminino era fruto da situação social das mulheres e não uma característica inerente às mesmas. Tal constatação lhe permitiu reivindicar um novo lugar ao feminino e a exigir, nesse intuito, importantes direitos às mulheres, entre os quais podemos destacar:

- Direito de serem reconhecidas como seres humanos racionais;
- Direito de terem a mesma educação que os homens;
- Direito de terem um novo lugar no casamento, de serem reconhecidas como companheiras de seus maridos e não como meras subordinadas;
- Direito de contribuírem para o progresso da humanidade;
- Direito de serem independentes, de terem outras escolhas que viverem sob a tutela dos homens.

Ao analisar esses direitos, observamos que Wollstonecraft estava profundamente comprometida com os ideários iluministas. Também percebemos que ela quase não se preocupou com as tradicionais reivindicações feministas, ou seja, com os aspectos jurídico-políticos. Na realidade sua principal preocupação era abordar a questão da formação da identidade feminina, centrando sua discussão na dimensão cultural da opressão das mulheres.

Podemos afirmar, nesse sentido, que Wollstonecraft procurou compreender o que transformava grande parte das mulheres em seres passivos, cujo principal objetivo consistia em buscar o matrimônio. Ao seu ver, isso se explicava, principalmente, devido à situação de extrema dependência em que as mesmas se encontravam e a educação que recebiam. Ambos reforçavam o estereótipo feminino dominante naquele contexto, que concebia as mulheres como “naturalmente” dependentes, sem quaisquer possibilidades de viverem sem a supervisão masculina.

Desejosa de mudar tal situação e fazer das mulheres membros mais úteis e respeitáveis da sociedade, Wollstonecraft exigiu para aquelas a mesma educação destinada aos homens e a possibilidade de exercerem profissões, ou seja, a possibilidade de serem independentes econômica e mentalmente. Para a autora, isso livraria as mulheres de viver exclusivamente sob a dependência



masculina e, conseqüentemente, de se preocuparem unicamente em agradar e atrair os homens, moldando seus desejos e comportamentos às imposições masculinas.

Percebemos assim, que Wollstonecraft se preocupou muito mais em mudar formas de agir e pensar das próprias mulheres, do que com os aspectos legais. Nos parece que ela acreditava que assim as próprias mulheres estariam aptas a conquistar seus direitos. Ou seja, diferente dos filósofos que também defenderam a igualdade entre os sexos e que também reivindicaram importantes direitos para o feminino, Wollstonecraft defendeu, ao nosso ver, uma “verdadeira igualdade”, pois não tratou as mulheres como objetos, mas sim como agentes de sua transformação.

Concluimos assim, que Wollstonecraft conseguiu elaborar um discurso bastante crítico em relação ao feminino, diferente da maioria dos iluministas, que legitimaram o lugar da mulher naquele contexto, distinto inclusive daqueles que defenderam a igualdade entre sexos. Pensamos que o que lhe permitiu tal diferencial foi sua condição feminina. Ela conhecia as dificuldades e limitações enfrentadas pelas mulheres. Não as tinha vivenciado, enfrentado e superado?

## REFERÊNCIAS

FONTE:

WOLLSTONECRAFT, Mary. *Vindicación de los Derechos de la Mujer*. Tradución de Carmen Martínez Gimeno. Madri: Cátedra, 2000.

OBS: A obra original de Wollstonecraft, *Vindication of the Rights of Woman* foi editada pela primeira vez em Londres, em 1792.

BIBLIOGRAFIA:

BADINTER, Elisabeth. *Condorcet, Prudhomme, Guyimard... Palavras de homens (1790- 1793)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

\_\_\_\_\_. *O que é uma mulher?* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

BERRIOT- SALVADORE, Évely. “O discurso da medicina e da ciência. In: DUBY, G. e PERROT, M. *História das mulheres no Ocidente. Do Renascimento ao Século das Luzes*. Vol. 3 Porto:Afrontamento, 1994.

BURDIEL, Isabel. “Introducción” In: WOLLSTONECRAFT, Mary. *Vindicación de los derechos de la mujer*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2000.

CASSIRER, Ernst. *A filosofia do Iluminismo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

DIDEROT, Denis de. “Sobre as mulheres” In: BADINTER, I. *O que é uma mulher?: um debate/ A. L. Thomas, Diderot, Madame D’Epinay*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

DULONG, Claude. “Da conversação à criação”. In: DUBY, G. e PERROT, M. In: DUBY, G. e PERROT, M. *História das mulheres no Ocidente. Do Renascimento ao Século das Luzes*. Vol. 3 Porto:Afrontamento, 1994.

FALCON, Francisco José Calazans. *Iluminismo*. São Paulo: Editora Ática, 1986.

FORTES, Luiz R. Salinas. *O Iluminismo e os reis filósofos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

GODINEAU, Dominique. “A mulher”. In: VOVELLE, Michel. *O homem do Iluminismo*. Lisboa: Editorial Presença, 1997.

PAINE, Thomas. *Os Direitos do Homem*. Petrópolis: Vozes, 1989.

RÉMOND, René. *O Antigo Regime e a Revolução*. São Paulo: Editora Cultrix, 1986.

ROUSSEAU, Jean Jacques. *Emílio; ou da Educação*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SAMARA, Eni de Mesquita; SOHIET, Raquel e MATOS, M. Izilda S. de. *Gênero em debate. Trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo, Educ, 1997.

SCHIENBINGER, Londa. *O feminismo mudou a ciência?* São Paulo: Edusc, 2001.

SLEDZIEWSKI, Elisabeth G. “Revolução Francesa: A viragem” In: DUBY, G. e PERROT, M. *História das Mulheres no Ocidente. Século XIX*. Vol. 4. Porto: Afrontamento, 1994.

SONNET, Martine. “Uma filha para educar” In: DUBY, G. e PERROT, M. *História das mulheres no Ocidente. Do Renascimento ao Século das Luzes*. Vol. 3 Porto: Afrontamento, 1994.

THOMPSON, E. *Formação da classe operária inglesa*. Vol. 1 Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

TOMALIN, Claire. *Vida y Muerte de Mary Wollstonecraft*. Barcelona: Montesinos, 1993.

VINCENT, Bernard. *Thomas Paine/ O revolucionário da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

WOLLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.